



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE ERECHIM
CURSO DE GEOGRAFIA-LICENCIATURA**

SILVANA PIRES DE MATOS

**COMPREENDENDO OS CIRCUITOS ESPACIAIS DE PRODUÇÃO:
o caso Marcolin**

**ERECHIM
2016**

SILVANA PIRES DE MATOS

**COMPREENENDO OS CIRCUITOS ESPACIAIS DE PRODUÇÃO:
o caso Marcolin**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Geografia Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Graduada em Geografia-Licenciatura.

Orientador: Drando. Anderson Matos Teixeira

**ERECHIM
2016**

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Matos, Silvana Pires de
COMPREENDENDO OS CIRCUITOS ESPACIAIS DE PRODUÇÃO :
o caso Marcolin/ Silvana Pires de Matos. -- 2016.
86 f.:il.

Orientador: Anderson Matos Teixeira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Geografia-Licenciatura , Erechim, RS , 2016.

1. Arranjo Produtivo Local. 2. Reestruturação
produtiva; . 3. Desenvolvimento econômico. 4. Circuitos
de produção.. I. Teixeira, Anderson Matos, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

SILVANA PIRES DE MATOS

**COMPREENDENDO OS CIRCUITOS ESPACIAIS DE PRODUÇÃO:
o caso Marcolin**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito de para obtenção do grau de licenciada em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul- Campus de Erechim

Orientador: Prof. Drando Anderson Matos Teixeira

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 24/06/2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. Drando. Anderson Matos Teixeira- UFFS

Prof. Dra. Juçara Spinelli- UFFS

Prof. Drando Éverton de Moraes Kozenieski- UFFS

À minha família, por acreditar em mim, em especial à minha Mãe Heldicart, por toda dedicação e amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus por estar ao meu lado me guiando durante a graduação;

A Instituição de Ensino, a direção, coordenação do curso e toda equipe de docentes pelo incentivo e parceria durante os quatro anos e meio de faculdade, acima de tudo por terem indicado novos caminhos para seguir;

Agradecimento especial ao Prof. Drando Anderson Teixeira Matos por ter aceitado o convite para ser orientador deste trabalho, pelo apoio e confiança;

Aos professores de Estágio Dranda. Ana Maria de Oliveira Pereira e Reginaldo José de Souza pela dedicação e comprometimento na formação de futuros docentes;

A todos os demais docentes do curso por se comprometer com a formação profissional de novos professores, pela paciência e manifestação de respeito por cada discente;

A minha família, pai, mãe irmão e irmãs pelo incentivo e também pelas críticas pela escolha que fiz para seguir carreira profissional, por compreender minha ausência de casa por meses e, sobretudo por entender que o futuro começa a ser construído com escolhas feitas no presente;

Ao proprietário da Indústria Têxtil Marcolin pela disponibilidade de tempo para realização desta pesquisa com sua empresa e pela compreensão sobre a importância da realização deste trabalho;

A estas pessoas acima citadas meus sinceros agradecimentos por cada oportunidade de construção de novos conhecimentos. Muito obrigada a cada um de vocês!!!

A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu,
mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre
aquilo que todo mundo vê.
(Arthur Schopenhauer)

RESUMO

Este trabalho apresenta um breve estudo sobre circuitos espaciais da produção, vinculado com a organização territorial por meio de Arranjos Produtivos Locais, com foco para o setor Têxtil do Alto Uruguai Gaúcho. Assegura-se que após a ascensão do Neoliberalismo a economia nacional e global passa a ter nova roupagem, havendo uma reestruturação produtiva e maior facilidade de articulação entre as indústrias, de maneira geral há a materialização de relações econômicas entre países e interconexão da economia mundial. Surgem novos complexos e arranjos produtivos entre empresas multinacionais, o processo produtivo passa a ser fragmentado possibilitando que as indústrias se especializem em funções específicas. Nessas circunstâncias os resultados desta pesquisa convergem com esta justificativa, uma vez que a organização econômica nacional e global reflete na necessidade da reestruturação de médias e pequenas empresas para que possam se manterem no mercado, nesta perspectiva as mesmas se articulam em cadeias produtivas, formando redes de produção com vistas para potencializar sua produção e inserir-se de modo competitivo no mercado. Descreve-se com maior ênfase a análise do modelo de estruturação produtiva da Indústria Têxtil Marcolin com base no desenvolvimento teórico, assim sobre o objetivo principal da pesquisa busca-se compreender o conceito de redes relacionado ao objeto da pesquisado, para tanto a premissa teórica que respalda este estudo está embasada em Santos (2000) Arrighi (1996), Oliveira (2015), Scarlato (2008), assim como também em pesquisa de campo e diálogos com proprietário da indústria têxtil Marcolin. Será abordado ao longo do trabalho, uma contextualização da Globalização e do capitalismo com vistas para compreender a inserção econômica do Brasil na economia internacional, contexto que faz parte de um debate teórico essencial para compreender os primórdios do desenvolvimento econômico global, nacional e também local

Palavras- chaves: Arranjo Produtivo Local; Desenvolvimento econômico; reestruturação produtiva; Circuitos de produção.

ABSTRACT

This paper presents a brief study of economic circuits, linked to the territorial organization through local clusters, focusing for the textile industry of the Upper Uruguay Gaucho. It ensures that after the rise of Neoliberalism national and global economy is to have a new look, with a new industrial structure and ease of linkage between industries in general there is the materialization of economic relations between countries and interconnectedness of the world economy. There are new and complex production arrangements between multinational companies, the production process becomes fragmented enabling industries to specialize in specific functions. In these circumstances the results of this research converge with this justification, since the national and global economic organization reflects the need of the means of restructuring and small businesses so they can stay on the market, this perspective the same are articulated in productive chains, forming networks production in order to boost their production and be inserted competitively in the market. It describes with greater emphasis on analysis of the productive structure model of Textile Industry Marcolin based on the theoretical development, and on the main objective of the research seeks to understand the concept of related networks to the researched object, for both the theoretical premise that supports this study is grounded in Santos (2000) Arrighi (1996), Oliveira (2015), Scarlato (2008), as well as in field research and dialogue with the owner of the textile industry Marcolin. Will be addressed throughout the work, contextualizing Globalization and capitalism in order to understand the economic role of Brazil in the international economy, context is part of a major theoretical debate to understand the beginnings of global, national economic development and also place

Words- keys: Local Productive Arrangement; Economic development; productive restructuring; production circuits.

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 Tipos de Redes por Miossec | 30 |
| Tabela 2: Períodos de desenvolvimento produtivo da Indústria Têxtil Marcolin. | 41 |
| Tabela 3: Redes de lojas Marcolin | 41 |
| Tabela 4: Origem da matéria prima utilizada na Indústria Têxtil Marcolin | 48 |
| Tabela 5: Principais fluxos de escoamento da produção. | 52 |
| Tabela 6: Municípios pertencentes ao SINDIVEST..... | 58 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1: Capitalismo e globalização e sua influência no modo produtivo..... | 14 |
| Figura 2: Erechim e microrregião..... | 39 |
| Figura 3: Origem da matéria prima utilizada na Indústria Têxtil Marcolin | 49 |
| Figura 4: Indústria Têxtil Marcolin: principais fluxos do escoamento da produção..... | 53 |
| Figura 5: Municípios pertencentes ao SINDIVEST, 2016..... | 58 |
| Figura 6: Organização da Indústria Marcolin no sistema produtivo local. | 63 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|----------------------------|--|
| APL | Arranjo Produtivo Local |
| IBGE: | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| SINDIVEST Gaúcho | Sindicato das Indústrias do Vestuário e do Calçado do Nordeste |
| NEAT: | Núcleo Estadual de Ações Transversais |
| FIERGS: | Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul |
| COREDE: | Conselho Regional de Desenvolvimento |
| UFFS: | Universidade Federal da Fronteira Sul |
| URSS: | União das Repúblicas Soviéticas |
| EUA: | Estados Unidos da América |
| FHC: | Fernando Henrique Cardoso |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| CAPÍTULO 1 - CONTEXTUALIZANDO O CAPITALISMO E PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO | 6 |
| CAPÍTULO 2 - BRASIL: DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL E INSERÇÃO NO MERCADO INTERNACIONAL..... | 16 |
| 2.1 BRASIL: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO..... | 20 |
| CAPÍTULO 3 - ORGANIZAÇÃO ESPACIAL E ECONÔMICA: REDES E CIRCUITOS ECONÔMICOS | 29 |
| CAPÍTULO 4 - INDÚSTRIA TÊXTIL MARCOLIN: CONTEXTO HISTÓRICO E ORGANIZAÇÃO ATRAVÉS DO APL POLO VEST | 39 |
| 4.1 INDÚSTRIA TÊXTIL MARCOLIN NO APL POLO VEST | 56 |
| 4.2 MARCOLIN: ARTICULAÇÃO EM REDES DE PRODUÇÃO | 61 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 65 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 67 |
| ANEXOS | 70 |

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Geografia- Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS- Campus de Erechim. A realização deste é fundamental para a conclusão da graduação e avaliação dos conhecimentos geográficos adquiridos ao longo da formação acadêmica, o mesmo ainda caracteriza-se por contribuir no avanço do conhecimento científico referente ao curso escolhido. O TCC tem como conteúdo um único assunto, o qual é explorado com mais afinco pelo discente, assim, é de extrema importância a realização do mesmo, visto que através deste trabalho se procura contribuir para o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos conhecimentos até então adquiridos.

A pesquisa aqui proposta envolve análise de circuitos espaciais da produção e como o mesmo está atrelado ao contexto da Indústria Têxtil Marcolin, de Erechim, Rio Grande do Sul, para isso entende-se que é necessário embasamento teórico, pesquisa de campo e diálogos com proprietário da indústria.

Alguns conceitos na ciência geográfica são relevantes para serem estudados, dentre eles está o conceito de Redes, que atualmente tem sido bastante pesquisado devido sua abrangência de conteúdos a serem analisados. Com destaque para a rapidez que ocorrem as mudanças sociais e tecnológicas na sociedade compete aos pesquisadores aprimorarem suas ferramentas de estudo e estarem em constante pesquisa e análise. Nesse sentido utiliza-se como base obras do autor Milton Santos, o mesmo já destacava que a sociedade produz diariamente novas dinâmicas econômicas e de território.

Sob a ótica deste autor entende-se que os espaços geográficos se transformam de modo a se adaptar as necessidades da sociedade e está associado a globalização, podendo ser considerado um processo social e também econômico que estabelece ligações entre os países e as pessoas. Através deste viés de globalização e constituição de circuitos de comércio que o presente projeto se firma. Demais autores utilizados como base teórica para este trabalho são: Giovanni Arrighi (1996); Rodrigo Cintra (2000), Oliveira (2015) e outros.

Dessa forma questiona-se como a Indústria Têxtil Marcolin está inserida em uma lógica de mercado regional e nacional. Entende-se que para existir um circuito de

comércio, alguns elementos são relevantes nesse circuito, como por exemplo: um mercado produtor, as fábricas, para que elas possam produzir é preciso matéria prima e mão-de-obra, gerando um fluxo que parte de um local de origem a seu destino, desse modo os fluxos geram o que chamamos de fixos, ou seja, os “nós” de convergência entre os mercados produtores.

Este trabalho se justifica pelo fato de que tal assunto está presente em nosso cotidiano, assim esta pesquisa busca analisar como a Indústria Têxtil Marcolin está inserida em uma lógica de mercado e como se vincula em uma rede econômica regional e nacional.

Para que se possa chegar a uma resposta desse problema, será necessário entender se o crescimento da empresa ocorreu articulado com a projeção do Brasil em nível internacional ou em qual contexto histórico essa empresa passou a expandir seus negócios, analisando assim, os aspectos históricos da origem da empresa até o presente ano.

Compreende-se que as empresas tem se articulado em cadeias produtivas, formando redes de produção, envolvendo assim fornecedores, clientes, funcionários e sociedade externa, assim de acordo com a qualidade do próprio agrupamento na forma de redes dentro do espaço geográfico será a capacidade impulsionar e expandir o desenvolvimento e as próprias unidades produtivas.

É relevante destacar que desenvolvimento local, como proposto por Endlich (2007) pressupõe áreas de especialização produtiva, ou seja, um sistema em que o processo de desenvolvimento seja autônomo, em que se pretende não ter muita dependência do exterior, e sim fazer uso das potencialidades locais, o autor, destaca que “O ‘enraizamento’ local das empresas é outro elemento importante. Isso se deve ao maior protagonismo da sociedade local, com vistas a potencializar seus recursos e estar de maneira competitiva no contexto econômico atual.” (ENDLICH, 2007, p.11) Ou seja, no desenvolvimento local, é preciso levar em conta questões de articulação produtiva de modo a aproveitar os recursos endógenos.

Albuquerque e Zapata (2004, p. 222) trazem a seguinte contribuição ao tratar da articulação das empresas:

A maioria do tecido de empresas existentes nos sistemas/arranjos produtivos locais é composta por micro e pequenas empresas. Por isso

é importante assegurar o acesso ao crédito, sobretudo para operações a médio e longo prazo, assim como o assessoramento financeiro para a elaboração de projetos de investimento. Neste sentido, é fundamental construir parcerias com instituições financeiras locais, a fim de comprometê-las com a demaragem de iniciativas de desenvolvimento. Da mesma forma, é crucial a existência de um marco fiscal favorável às micro e pequenas empresas.

Assim, é importante entender que o desenvolvimento local ocorre vinculado a objetivos econômicos e também sociais, com ênfase no primeiro, por isso é importante que os arranjos produtivos mantenham constante inovação, fomento a promoção e geração de empregos e aumento da capacidade industrial.

O desenvolvimento local, com base em Arranjos Produtivos Locais (APLs), compreende-se, com base em Endlich (2007), está vinculado a questão do acirramento do próprio sistema de industrialização e capitalismo mundial, em que modelos de desenvolvimento mundial refletem na economia local, assim, promover um desenvolvimento local com base em recursos e políticas endógenas é relevante na questão de valorização local. A questão do desenvolvimento local vem como reflexo de “[...] respostas da sociedade ou de alguns agentes; diante das dificuldades e desafios econômicos [...], como resposta ou como adaptação ao processo de reestruturação econômica.” (ENDLICH, 2007, p. 10)

Nesse sentido, compreende-se que os circuitos espaciais da produção promovem relações econômicas e pessoais que estão em constante mudança, não sendo estáveis. O pesquisador Raffestein (1993, p.213) em sua obra *Por uma Geografia do Poder*, ao abordar o conceito aqui estudado, afirma que “Controlar as redes é controlar os homens e é impor-lhes uma nova ordem que substituirá à antiga”. As redes são circuitos econômicos dos quais a sociedade depende para a produção de seus bens de consumo

O desenvolvimento desta pesquisa teve como objetivo compreender o que são as APLs, especificadamente para isso apresenta-se evolução da inserção econômica do Brasil; e relacionando o entendimento de APL com a Marcolin

O trabalho aqui apresentado é de cunho qualitativo, com ênfase em estudos dos processos de articulação da Indústria Têxtil Marcolin, compreendendo a mesma como um elemento de atuação no sistema econômico local, regional e nacional, assim geograficamente atrelada a redes econômicas. Entende-se que para realização de uma pesquisa, a sua metodologia é fundamental, de forma que apresenta-se a seguir o

caminho percorrido na construção do presente estudo. A pesquisa realizada caracteriza-se como: teórica e qualitativa.

Foi realizada coleta de dados, a partir da qual construiu-se uma discussão a respeito do capitalismo e globalização, redes, circuitos econômicos e APLs. Na sequência desenvolveu-se um debate a respeito da inserção no Brasil no mercado internacional, pesquisa realizada com o intuito de analisar de que forma a questão econômica do Brasil pode interferir em uma indústria que possui forte influência em sua APL e no próprio mercado nacional. Após, apresentam-se as informações coletadas através da pesquisa de campo junto à empresa Marcolin, a pesquisa citada envolveu as seguintes etapas: primeiramente um diálogo com o sócio proprietário e administrador André Faversoni Marcolin e Joeli Teresinha Faversoni fundadora e sócia proprietária da empresa e mãe do administrador, esta etapa foi realizada com o objetivo de fazer levantamento de dados sobre a empresa assim como adquirir informações referentes à história da mesma até os dias atuais, para a realização deste estudo foi elaborado um roteiro de entrevista, seguindo os objetivos da pesquisa. Em seguida, a entrevista gravada foi utilizada de forma científica, ou seja, desenvolve-se uma análise deste discurso, que foi aprofundado com base no referencial teórico, e compilado para compreender como a empresa está inserida no contexto das redes. Outra etapa deste trabalho envolveu conhecimento da origem das matérias primas e das máquinas utilizadas na empresa, isto é conhecimento da estrutura e funcionamento da empresa. Por fim, com os dados coletados e analisados realizou-se a construção de mapas de fluxos para compreender o circuito espacial e econômico da Indústria Marcolin.

Para tanto este trabalho está organizado em 4 capítulos, de início aborda-se o projeto desta pesquisa elencando sua contextualização, problemática, objetivos, metodologias utilizadas, na sequência tem-se o capítulo 1 no qual apresenta-se breve contextualização sobre o Capitalismo e processo de globalização.

O capítulo 2 enfatiza discussão referente o desenvolvimento econômico do Brasil e sua inserção no mercado internacional, com o intuito de compreender de que forma o país obteve maior participação junto a mercados internacionais e quais fatores são relevantes na constituição de circuitos econômicos que o mesmo está envolvido.

O capítulo 3 tem foco no estudo de redes e circuitos econômicos e, APL, o qual direciona para a análise da empresa Marcolin no contexto regional.

No capítulo 4 apresenta-se a pesquisa final do trabalho após embasamento teórico e compreensão da importância de articulação da empresa em circuitos econômicos, apresenta-se o contexto histórico da Indústria Têxtil Marcolin, e sua no APL Polo Têxtil.

Por fim está descrito as considerações finais desta pesquisa. A ordem supracitada foi definida visando chegar ao objetivo final da pesquisa de modo satisfatório. Com o desenvolvimento destas etapas da pesquisa, seguindo o roteiro dos objetivos descritos, chega-se ao resultado final da pesquisa com apontamentos importantes e elementos que poderão ser explorados em outros estudos do mesmo segmento.

Capítulo 1 - Contextualizando o Capitalismo e processo de Globalização

Neste capítulo pretende-se desenvolver um breve levantamento dos principais fatores relacionados ao sistema capitalista, assim como também do processo de globalização. Entende-se que esse capítulo faz parte de um debate teórico essencial para se compreender os primórdios do desenvolvimento econômico global, nacional e também local. Utiliza-se como base os autores Oliveira (2015) e Arrighi (1996), o primeiro aborda em sua obra questões sobre os novos padrões do comércio internacional como consequência do processo de globalização econômica e produtiva, elencando elementos sobre a reconfiguração e fragmentação do espaço geográfico industrial, por sua vez o segundo autor desenvolve seu trabalho a partir de um olhar histórico para explicitar a crise no período de acumulação capitalista, analisando a relação existente entre a empresa capitalista e o Estado-Nacional, com ênfase no Ciclo Sistêmico de Acumulação estadunidense.

Entende-se que há interpretações diversas sobre o processo de globalização, contudo citar-se-á alguns aspectos de maior relevância para o desenvolvimento de economia mundial, Oliveira (2015, p.46) apresenta em sua obra;

[...] que não há consenso na literatura acerca da cronologia do processo de globalização, assim como existem variadas interpretações e definições para seu conceito. Enquanto um grupo de historiadores econômicos argumenta que os primórdios da economia global de hoje estariam no chamado longo século XVI (1450 -1640) (WALLERSTEIN, 1979), outras correntes de pensamento adotam como marco a segunda metade do século XIX e um terceiro grupo prefere destacar o processo após sua intensificação na segunda metade do século XX.

Embora haja opiniões diferentes, resumidamente pode ser afirmado que a globalização é um processo que tem maior influência em questões de desenvolvimento econômico, que Oliveira (2015, p.46-47) afirma refletir na expansão internacional do comércio, com dispersão de modos de produção e investimentos financeiros por todo mundo. Nesse contexto destaca-se que de acordo com a autora acima, as cadeias globais de valor¹ não podem ser dissociadas da globalização, uma vez que ambos andam

¹ “A formação das cadeias globais seria, na realidade, um aspecto da globalização da produção, refletindo os altos níveis de interconexão entre comércio, investimentos e serviços, visíveis em uma crescente gama

juntos sendo impulsionados por tecnologias informacionais e de comunicação, motivados pela acumulação de capital e redução de custos, maiores investimentos econômicos vinculados a processo de liberalização comercial.

O processo de globalização é heterogêneo, o qual envolve diversas dinâmicas, Oliveira (2015) destaca aspectos globais, mas que fazem parte do contexto nacional e local, visto que o desenvolvimento econômico e industrial segue modelos distintos no mundo se adaptando com a realidade de cada país. Sob a ótica de Dicken (2007 *apud* OLIVEIRA 2015, p.52) a globalização inclui,

- i) Processos localizantes: atividades econômicas geograficamente concentradas, com variáveis níveis de integração funcional;
- ii) Processos internacionalizantes: dispersão de atividades econômicas para além das fronteiras nacionais, com baixos níveis de integração funcional;
- iii) Processos globalizantes: alta dispersão geográfica, combinada com alto nível de integração funcional;
- iv) Processos regionalizantes: a operação de processos globalizantes, mas numa escala geográfica mais limitada, indo desde a superintegrada União Europeia até pequenos acordos econômicos regionais.

Os processos citados acima resultam na fragmentação e reorganização geográfica, de modo a construir relações comerciais econômicas complexas, ressalta-se que o comércio internacional ao longo do tempo passou por muitas transformações em virtude das novas formas de organização e produção industrial, e aos poucos se tem a maior dispersão geográfica das indústrias, conforme Baldwin (2011;2013 *apud* Oliveira 2015 p.39) “Essa crescente fragmentação e dispersão geográfica da produção trouxe à tona a complexidade das relações existentes entre comércio, investimentos, serviços e propriedade intelectual.”

Referente a este contexto Oliveira (2015 p.39) expõe que ao falar de “comércio do século XXI” há a inter-relação de fatores como “[...] comércio de bens, [...] investimentos internacionais, [...] uso de serviços de infraestrutura para coordenar a produção que está dispersa geograficamente, [...] fluxo transfronteiriço de conhecimentos”, assim sob a ótica dessa autora esses são reflexos da globalização tanto financeira como produtiva.

de setores, quer seja de vestuário, eletroeletrônicos, agroindustrial, telecomunicações, móveis, automotivo e serviços, dentre outros.” (OLIVEIRA, 2015, p.47)

Ainda no texto de Oliveira (2015), discute-se o termo “Cadeias Globais de Valor” com o intuito de compreender a estrutura econômica industrial atual, que está atrelada a questões de expansão de mercados diversificados, utilizando-se de tecnologias e produção em larga escala, gerando um mercado complexo e competitivo, com fragmentação produtiva e dispersão geográfica das indústrias. Ou seja, tem-se uma reconfiguração em nível,

[...] global dos processos produtivos empresariais pode ser vista sob o contexto de um conjunto de mudanças estruturais na economia internacional. Observa-se uma reconfiguração nos termos de troca internacionais, com um significativo aumento nos preços das *commodities* em relação aos preços de produtos manufaturados, principalmente a partir dos anos 2000. (OLIVEIRA, 2015, p.43)

Nos de 1980 e 1990 há um processo de industrialização acelerado nos países em desenvolvimento, refletindo na maior participação desses países em investimentos e exportações. Para Oliveira (2015) paralelamente a reorganização geográfica tem-se na China na década de 1980 a liberalização econômica, já outro fator relevante ocorreu em 1990 à desintegração da União Soviética (URSS), assim de acordo com a mesma esses acontecimentos vieram a propiciar o deslocamento de empresas multinacionais para esses países em que havia mão de obra disponível.

Fazendo uma breve contextualização do texto *Comércio internacional do século XXI*, de Oliveira (2015), compreende-se que o mesmo passou por várias transformações, ao que ganham destaque a dispersão produtiva, sendo que o desenvolvimento econômico internacional e sua complexidade vinculam-se ao modo que historicamente se desenvolveu as organizações produtivas e industriais, que atualmente possuem estratégias para manter relações de poder favorecendo questões financeiras. Do ponto de vista da autora acima, se compreende que as empresas transnacionais estão se reorganizando desde meados da década de 1970, se concentrando em atividade de vendas, desenvolvimento da marca e pesquisa.

Em resumo, pode ser compreendido que a globalização da produção é um processo atrelado à dispersão industrial geográfica num contexto internacional, envolvendo várias atividades produtivas e nos mais diversificados estágios, o qual deve-se ao desenvolvimento de técnicas de comunicação que aprimoraram a troca de

informações e dados entre os vários atores que estão envolvidos na cadeia global econômica e de produção.

Outra observação interessante é feita por Santos (2000 p.39) na sua obra *Por uma outra globalização*, em que afirma “No mundo da globalização, o espaço geográfico ganha novos contornos, novas características, novas definições. E, também, uma nova importância, porque a eficácia das ações está estreitamente relacionada com a sua localização”. Os estudos deste autor mostram um viés crítico em relação ao processo de globalização e modelo capitalista, ele compreende que esse sistema ao mesmo tempo que passa a favorecer o desenvolvimento econômico dos países também passa a excluir determinados grupos sociais, repercutindo em mazelas na sociedade, como desemprego, favelização, pobreza entre outros problemas, ou seja, para ele a Globalização é incompleta, problematiza-se em seus textos quais outros momentos da história já foi homogênea ou foi preciso parar de progredir para mostrar que estava presente, Santos (1999, p.07) compreende que “As épocas se sucedem umas às outras sem interrupção e ao mesmo tempo em que se impõem, guardam vestígios do passado.”

Já Santos (2000, p. 85) afirma que;

Diante do que é o mundo atual, como disponibilidade e como possibilidade, acreditamos que as condições materiais já estão dadas para que se imponha a desejada grande mutação, mas seu destino vai depender de como disponibilidades e possibilidades serão aproveitadas pela política. Na sua forma material, unicamente corpórea, as técnicas talvez sejam irreversíveis, porque aderem ao território e ao cotidiano. De um ponto de vista existencial, elas podem obter um outro uso e uma outra significação. A globalização atual não é irreversível.

As ideias propostas por Santos (2000) resultam de uma análise em conjunta da inserção de técnicas, hegemonia econômica e centralização de capitais na chamada globalização, este autor considera em seus estudos a dimensão geográfica e uso do território, em que se criam novos mercados financeiros em escala global atrelados a acumulação de capital, na visão dele há a reestruturação do território em prol de atividades econômicas.

Em Santos (1999, p.6-7) ao definir o conceito de modo de produção, o mesmo elenca como era feito as trocas comerciais nos primórdios da história, afirmando que,

A marcha do capitalismo marca um alargamento e aprofundamento dessa lógica, incluindo cada vez um número maior de sociedades e territórios. O modo de produção tende a ser único. Mas, a ação sobre os diversos territórios desse modo de produção tendencialmente único passa pela mediação das formações sociais constituídas sob a égide do Estado Nacional. Com a globalização, pode-se, hoje, pensar que, de novo, o processo espacial seja uma emanção direta do modo de produção? Aqueles que acreditam na morte do estado e no fim das fronteiras diriam que sim. Na verdade, a mediação do Estado, da sociedade civil e da própria configuração territorial herdada são dados fundamentais para explicar as diferenças do impacto do modo de produção sobre os diversos países e regiões.

Concomitante com essas análises é explícito que atualmente o modo de produção encontra-se muito mais difuso e generalizado do que em outros tempos.

Fazendo um link entre o processo de globalização e o sistema capitalista, insere-se no debate Arrighi (1996, p.247), para ele as estruturas de acumulação de capital que moldaram a presente época surgiram nos últimos 25 anos do século XIX; as quais são originárias de uma nova internalização dos custos na lógica econômica da iniciativa capitalista. É importante salientar que a ideia de que a característica singular do quarto ciclo sistêmico de acumulação norte-americano foi uma internalização dos custos de transição de origem no estudo teórico de Richard Coase (1937 *apud* ARRIGHI, 1996, p.247) sobre as vantagens competitivas das organizações empresariais com integração vertical, na ampliação da análise de Coase feita por Oliver Williamson (1970 *apud* ARRIGHI, 1996, p.247), e no estudo histórico de Alfred Chandler sobre a emergência e a rápida expansão das modernas corporações norte-americanas no fim do século XIX e no início do século XX.

Neste sentido ficou evidente que economia obtida é uma economia de velocidade e não de tamanho, ou seja, não foi embasa em número de trabalhadores ou de valor do equipamento produtivo, mas sim da velocidade da produção e consequentemente do volume obtido, que permitiam economizar custos por trabalhadores e por máquinas, explica Chandler (1977 *apud* ARRIGHI, 1996, p.247), o que potencializou profundamente o sucesso da economia norte-americana.

Segundo Arrighi (1996, p.248) a economia da velocidade proporcionada pela internalização dos custos de transação não se limitou às empresas manufatureiras e não se originou nelas, na realidade as companhias ferroviárias foram as pioneiras neste método revolucionário nos EUA. Junto com essas inovações, houve o surgimento dos

mercados de massa, com a criação dos grandes varejistas, dos correios, o aparecimento das estradas de ferro, cadeias de lojas comerciais, etc. Nesse período um novo conceito de produção em massa, distribuição em massa e consumo em massa deu contornos a um novo modelo capitalista.

Havendo internalizado toda uma sequência de subprocessos de produção e de troca, desde a obtenção de produtos primários até a entrega de produtos finais, esse novo tipo de empresa capitalista ficou em condições de submeter os custos, riscos e incertezas da movimentação, de mercadorias, através da lógica racionalizadora da ação administrativa e do planejamento estratégico em longo prazo. O alto desempenho destas organizações também foi incumbido ao trabalho de executivos de vários níveis hierárquicos, especializados no monitoramento e regulamento dos mercados e conseqüentemente dos processos de trabalho, que de forma vertical passaram a desfrutar de uma vantagem competitiva significativa. Com o pensamento em expandir os negócios e ganhar mercado, parte destas empresas norte-americanas passaram a migrar para territórios exteriores, sobretudo indústrias de grande porte, as quais podem ser encontradas fortemente atualmente na maior parte do mundo.

No início do século XIX os fenômenos vivenciados anteriormente (iniciados no século XVI, com advento da máquina a vapor, do emprego assalariado e da manufatura) são potencializados sob o lema do *laissez faire laissez aller*², as conseqüências do liberalismo econômico foram levadas ao extremo: competição irrestrita; proletariado explorado ao extremo; liberdade ao negócio; organização de cartéis, trustes, e sindicatos de produtores; disputas entre os estados, anarquia e conseqüentemente a necessidade da elaboração de leis sociais (PIRENNE, 1953, p.516 *apud* ARRIGHI, 1996, p.251).

Arrighi (1996, p.59) também aborda fortemente em sua obra questões de soberania internacional e disputas pelo poder econômico mundial, aponta aspectos sobre a Hegemonia Norte-americana, para ele o Reino Unido exerceu as funções de governo mundial até o fim do século XIX, começando a perder seu poder gradativamente em meados de 1870, perdendo o equilíbrio global, sobretudo em decorrência da ascensão da Alemanha à condição de potência mundial. Além disso, o surgimento dos Estados Unidos como um forte Estado capitalista também serviu para reter e atrair capital, mão-

² Significa, literalmente, “deixai fazer, deixai ir, deixai passar”, teve origem no século XVII, no período do Iluminismo.

de-obra e riquezas em geral, que passaram a migrar da Europa em direção a América e seus novos territórios.

A conotação do modelo capitalista adotado pelos Estados Unidos foi analisada por Marx Weber (1930, p.48-55 *apud* ARRIGHI, 1996, p.60), que percebeu essa mentalidade enraizada culturalmente. Após a independência do Estado, a reorganização de seu espaço geográfico foi desenvolvida de modo a privilegiar esse consenso de acumulação de capital, de acordo com Arrighi (1996, p.60) isso significou retirar os nativos, para substituir por imigrantes que vieram para trabalhar como mão de obra no país.

Os novos focos de Caos Sistêmico voltaram a ocorrer no início do século XX, conforme as animosidades entre as potências mundiais esquentavam, e com eles rebeliões populares começaram a surgir. Antes mesmo da eclosão da Primeira Guerra Mundial, poderosos movimentos sociais expandiam-se, rebelando-se contra o sistema excludente do imperialismo e do livre comércio que deixava de lado principalmente: dos povos não ocidentais e do proletariado ocidental. A força do proletário, segundo Arrighi (1996) acendeu, ao mesmo tempo em que a industrialização da guerra também ocorreu, ou seja, com a propagação dos conflitos houve um considerável estímulo ao processo produtivo de produtos mecânicos, peças, utensílios e produtos variados, com isso uma maior organização da mão de obra responsável por essas fabricações. “O poder social destes não proprietários aumentou correspondentemente, o mesmo acontecendo com a eficácia de suas lutas pela proteção estatal à sua subsistência” (ARRIGHI, 1996, p.64). Para o autor, a Revolução Russa de 1917 se converteu em ponto focal destas rebeliões, além de refletir uma sensação de revanchismo na potência recentemente derrotada, a Alemanha, o que mais tarde resultaria na formação do ideário nazista.

Mesmo com estes focos de conflitos os Estados Unidos continuaram ascendendo, tornando-se hegemônicos, primeiramente por conduzir um sistema interestatal à restauração dos princípios já determinados pelo Sistema de Vestfália, enquanto muitas outras nações – como a Alemanha – incentivavam práticas de comércio desleais; também por conseguirem respostas rápidas aos problemas encontrados em seu modelo de governo, tanto para as vertentes mais liberais, quanto para as mais conservadoras.

Após a Segunda Guerra Mundial formou-se a Organização das Nações Unidas presidida pela Assembleia Geral, o que colocou as nações em pé de igualdade, mas também garantiu a hegemonia americana perante estes outros Estados.

A hegemonia americana se perpetuou fortemente até a década de 70, quando começou a declinar, neste período houve franca expansão de sua indústria, serviços e comércio, bem como suas relações exteriores. Mesmo com uma parcial decadência, a influência desta nação é inegável na contemporaneidade, o país ainda é visto como referência em desenvolvimento econômico, em educação de qualidade e poderio militar. Muitos se opõem ao modelo de governo capitalista americano, que propaga a acumulação e a lucratividade a toda prova e promove a cultura do descartável – não só para os eletrônicos, mas também para alimentos e informação rápida –, mas o fato é que seus hábitos têm se espalhado pelo mundo, influenciando diversos povos e inúmeros indivíduos. Poucos conseguem se manter alheios a essa massificação cultural estadunidense.

Conforme se observa o sistema capitalista atrelado ao processo de globalização, não é um processo novo, mas que em meados da década de 1990 houve maiores estudos sobre o assunto, visto que no mesmo período tem-se a ascensão do Neoliberalismo, compreende-se que um dos impactos mais significativos de uma política Neoliberalista está refletido na condição do trabalho formal, que vai diminuindo à medida que o trabalho terceirizado toma seu lugar. Este não é um efeito isolado e vem se propagando em escala global nas últimas décadas, difundindo-se nos mais variados setores de atividades produtivas, tanto na esfera pública quanto na esfera privada. Portanto, a terceirização vem, gradativamente, deixando de ser realizada apenas nos serviços de apoio, e passando a atingir as atividades centrais das empresas; trazendo consequências políticas importantes, isto é, do enfraquecimento dos laços de solidariedade entre os trabalhadores (efetivos e terceirizados) à fragilidade de suas representações e práticas sindicais (JORGE, 2011), de modo geral durante o período neoliberal houve materialização de relações econômicas entre países, interconexão da economia mundial que estão atreladas a modificações no modo produtivo do comércio internacional e em sua distribuição de bens e serviços, sendo que as políticas que foram implementadas durante o século XX, tal processo é demonstrado na figura 1.

Figura 1: Capitalismo e globalização e sua influência no modo produtivo



Fonte: a autora.

Decorre da representação acima e das reflexões apresentadas, o reconhecimento de que a globalização comercial é caracterizada pelo aumento de trocas comerciais, queda de custos e aumento da acumulação de capital, observa-se que anteriormente a própria indústria geria questões de produção, controle e gestão, mantendo relações somente com fornecedores de matéria prima, contudo no modelo capitalista e de globalização da produção, tem-se a indústria como centralizadora de controle e gestão, em que a produção passa a ser terceirizada reduzindo seus custos e aumentando o acúmulo de capital. É nessas circunstâncias que deflagra-se a dispersão e fragmentação geográfica de atividades produtivas, em que se tem vários estágios de produção surgindo então uma cadeia produtiva de serviços e bens que estão dispersos em todo mundo.

Neste mesmo viés Castro Júnior e Silva (2011) contribuem afirmando que as políticas econômicas Neoliberalistas são diretamente impulsionadas pelo capitalismo, que busca adotar todos os meios possíveis para ampliar a lucratividade; nesse sentido os autores percebem o resultado da terceirização do trabalho: a precarização laboral. O incremento da terceirização se caracteriza através da transferência de uma organização para outra, seja através de tarefas e atribuições, seja através de parte da produção e de serviços. A flexibilização dos contratos de trabalho é configurada como uma diretriz para diminuir custos com força de trabalho (DRUCK, 2001).

De maneira geral observa-se também que surgem novos complexos e arranjos produtivos entre empresas multinacionais, o processo produtivo passa a ser fragmentado possibilitando que as indústrias se especializem em funções específicas, assim como

também permite que países em desenvolvimento sejam fornecedores de serviços para países desenvolvidos.

Capítulo 2 - BRASIL: desenvolvimento industrial e inserção no mercado internacional

Para entendermos como o Brasil se encontra inserido no mercado internacional, é necessário fazer uma busca em informações históricas que retratam o desenvolvimento econômico mundial, para tanto se tem como base o livro *O longo século XX: dinheiro, poder e a origem do nosso tempo*, de Arrighi (1996), na sequência apresenta-se um subtítulo em que se desenvolve um breve contexto histórico de desenvolvimento econômico do Brasil, para tanto se tem como bases bibliográficas Santos e Silveira (2006), Scarlato (2008), sendo este parte do livro *Geografia do Brasil* de Ross (2008), e Santos (2001) e Custódio (1998).

Arrighi (1996, p. 27) inicia o capítulo Hegemonia, Capitalismo e Territorialismo, mencionando diversos estudos relevantes que investigaram a ascensão e o declínio do poderio norte-americano, a contar a partir da década de 70. Para o ele, todas as investigações, embora diferentes entre si, possuem dois pontos fundamentais de concordância: o primeiro é utilizarem o termo “hegemonia” para referirem-se a dominação; e o segundo é sua ênfase, que reflete sobre o poder de dominação de uma nação, que primeiro se eleva e depois decai.

No moderno sistema governamental surgem outros meios de dominação, e outras formas de garantir hegemonia, como por exemplo, o Poder Econômico, o Capitalismo e o Territorialismo. Para Arrighi (1996) os governos Territorialistas identificam o poder com a extensão e a densidade populacional de seus domínios territoriais, concebendo a riqueza e o capital como um subproduto. Já os governos Capitalistas, ao contrário, identificam o poder com a extensão de seu controle sobre os recursos escassos e consideram as aquisições territoriais um subproduto da acumulação de capital. A diferença entre estas duas lógicas pode ser expressa pela metáfora de Glides (1987 *apud* Arrighi 1996) que define os Estados como “continentes de poder”: os governantes Territorialistas tendem a aumentar o seu poder expandindo as dimensões dos seus continentes; os governantes capitalistas tendem a aumentar o seu poder acumulando riqueza dentro de um pequeno continente, e a só aumentar as dimensões deste último se isso for justificável pelos requisitos da acumulação de capital. Nesse sentido, Arrighi (1996) ainda menciona a ascensão das nações ocidentais fundamentalmente como capitalistas e a China Imperial como territorialista.

Para Arrighi (1996, p.309) muito se diz sobre transformações, aparentemente, revolucionárias após a década de 70 no cenário capitalista mundial. Porém ele questiona o termo “revolucionário”, afirmando que trata-se apenas da tendência de acumulação de capital em escala mundial, nada de inovador. Na visão de Arrighi (1996, p.309) expansões financeiras desse tipo repetiram-se desde o século XIV, como a reação característica do capital à intensificação das pressões competitivas que decorreram de todas as grandes expansões do comércio e produções mundiais.

Para tanto, o autor afirma que o mais importante é se concentrar na lógica da transformação do capitalismo mundial e, portanto, na crise e nas contradições do regime norte-americano em processo de desintegração, crise esta que foi assinalada nas entre os anos de 1968 e 1973, em três esferas distintas e estreitamente relacionadas. Militarmente e financeiramente, o exército americano encontrou dificuldades sérias no Vietnã. Além disso, as classes dominantes passaram a desprezar o controle e a organização mundial, o que culminou em um declínio considerável em seu prestígio e em suas relações exteriores.

Arrighi (1996, p.310) relata que a crise começou de forma concreta em 1968, quando os fundos mantidos líquidos no mercado de eurodólares, centrado em Londres, experimentaram um aumento explosivo. A participação norte-americana no total de investimentos externos diretos também declinou consideravelmente nesse período. Assim, a crise deveu-se basicamente a um excesso de capital à procura de investimento de mercadorias e não a uma incapacidade do governo americano de compensar as deficiências de investimento privado com seus próprios gastos, sintetiza o autor. E a injeção de poder aquisitivo naquele momento, não estimulou a economia como tinha feito em décadas anteriores (como em 1950), mas ocasionou uma inflação mundial de custos e numa fuga maciça de capitais para mercados monetários *offshore*³.

O autor evidencia a importância de se compreender que a crise de ordem monetária mundial norte-americana do após segunda guerra mundial desenvolveu-se paralelamente à crise da hegemonia mundial norte-americana nas esferas militar e ideológica. O desmoronamento do regime de taxas de câmbio fixas coincidiu com os problemas crescentes do exército dos Estados Unidos. No Vietnã, ao mesmo tempo o crescente tributo cobrado a “sangue e dinheiro” para travar uma guerra fracassada que não tinha clara influencia sobre a

³ *Offshore* termo inglês que traduzido para o português significa “**afastado da costa**”, no caso de termos financeiros, esse diz respeito de empresas que possuem sua contabilidade em outro, ou seja em país distinto do que exerce suas atividades industriais.

segurança nacional dos EUA, precipitou uma crise de legitimidade na ideologia da Guerra Fria, explica.

Todo processo histórico, político e econômico não acontece desvinculado de um objetivo ou um fator maior. Nesse caso tem-se a presença marcante da economia de mercado, em outras palavras o sistema de organização mundial da sociedade, o capitalismo.

Destaca-se agora dois eventos marcantes na organização do espaço mundial, a Guerra Fria, que foi um período de instabilidade e hostilidade entre os capitalistas e socialistas. Uma guerra de ideologias com poder de ideias e a tentativa de sua imposição em que ocorreu um tempo de muita tensão mundial, com ameaça a paz mundial devido a corrida armamentista. Esta guerra levou à construção do Muro de Berlim, que foi derrubado em 1991, e após a quebra do deste ocorreu à ordem multipolar em que se passou a ter uma nova forma de ver o mundo com novas relações sociais e culturais. Na nova ordem mundial ocorreram muitos fatores como: O surgimento dos Blocos econômicos; Independência dos países não alinhados (nem com EUA ou URSS); o eixo (Alemanha, Itália e Japão) perderam a Segunda Guerra Mundial em que enfraqueceu seu poder sobre as colônias africanas; desequilíbrio de países com e sem armamento nuclear; Existência de países neutros em que não se alinharam nem com EU e nem com a União Soviética; Países ainda subordinados aos países europeus como o norte Africano, Marrocos, Síria; desenvolvimento do turismo internacional; a revolução tecnológica relacionada a economia.

Com as novas forças de transformação, a revolução tecnológica e o meio técnico científico ocorrem uma nova ordem mundial de rupturas em que mudaram as relações, aonde ocorreu à dispersão das relações de mercado econômico internacional entre os países, ou seja, uma re-espacialização das relações de consumo. Aconteceram novas formas de organizações políticas por meio de movimentos sociais por causas específicas como o meio ambiente e entre outros.

Com a globalização surgiram necessidades de criar os fluxos de redes, estrutura essa necessária para transmitir informações em movimento no espaço à descentralização, fragmentação e simultaneidade. De acordo com GEIGER (1993, p.115) a rede de informações “trata-se de uma tecnologia que serve simultaneamente á fragmentação, a descentralização a novas formas de centralização e á globalização do espaço Geográfico.”

Segundo Spósito (2004, p.135) a mundialização é “aquilo que se refere basicamente á tendência de relações capitalistas de produção e sua capacidade de impô-las em todos os lugares do mundo.” A mesma autora conceitua globalização em que se refere “a tendência

na homogeneização de usos e costumes, com a predominância de meios de comunicação que podem inibir qualquer reação ou crítica individualizada, distante da padronização imposta.”

Segundo Nascimento (2010, p.03), ao discursar sobre a participação no Brasil no cenário internacional, expõe que “A intransigente defesa dos interesses nacionais é condição básica para uma inserção madura e independente do Brasil no cenário internacional.” O autor afirma que a atuação do Brasil no sistema econômico internacional deve ser estratégico e autônomo quanto aos centros hegemônicos, que detém o poder, como o caso do Estados Unidos da América que atua visando interesses comuns a sua nação, cuja estratégia de gera conflitos e competições, estão vinculadas aos interesses de cada ator estatal envolvido. Desse modo fica explícito no texto de Nascimento (2010, p.03) que o sistema político internacional deve ser balizado de acordo com os interesses do próprio país, para ele “A política externa é um dos elementos centrais da estratégia de fortalecimento de um Estado. Ao serem transformados em metas plausíveis, os objetivos de política externa serão buscados no ambiente desigual da política internacional [...]”

Velasco e Sennes (2006) expõem a partir de sua pesquisa alguns cenários de inserção do Brasil no sistema econômico internacional, ao que os autores compreendem que;

[...] o cenário internacional futuro será definido pela resultante da interação de três pólos políticos, econômicos e militares: os Estados Unidos, a Europa e a China. [...] Diferentes conformações da ordem internacional certamente impactarão o Brasil e seu entorno, mas não necessariamente implicarão mudanças radicais nas possibilidades de projeção do país no exterior.

A projeção do Brasil no mercado internacional está fortemente vinculada com sua participação e envolvimento político e econômico mundial principalmente em relação a potência norte-americana, a qual detém grande poderio.

De um modo geral, como afirmado por Nascimento, (2007, p.09-10) para que o Brasil se insira no sistema econômico internacional com forte atuação, é necessário privilegiar uma participação que seja autônoma e independente, uma vez que essa postura de independência passe a ser vista por outros centros que detém o poder hegemônico, permitindo assim ao Brasil procurar medidas ativas no cenário econômico internacional, nesta perspectiva o Brasil por deter importante potencial para desenvolver economicamente deve considerar com maior ênfase essa estratégia e desafio, que para Nascimento (2007) essa mudança irá conduzir o país para o alcance de seus interesses políticos e econômicos.

Corroborando com isso Custódio (1998, p.67) já afirmava “[...] que o mercado externo exerce um papel fundamental no desenvolvimento econômico de uma nação, porém as opiniões divergem no que tange à forma de se alcançar esse desenvolvimento através do comércio internacional”.

2.1 Brasil: breve contexto histórico de desenvolvimento econômico

Partindo para uma análise do Brasil, com base na leitura da obra *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*, de Santos e Silveira (2006), *O espaço industrial brasileiro*, de Scarlato (2008), texto encontrado na obra de Ross (2008) *Geografia do Brasil*, Santos (2001) na sua obra *Por uma outra globalização*.

Santos e Silveira (2006) apontam alguns elementos relevantes a serem destacados, principalmente no que se referem à questão do entendimento de Território e do espaço, os autores afirmam que no dia-a-dia se confunde território e espaço, mas ambas não possuem o mesmo significado. Território, conforme os autores, entende-se como um nome político para identificação de um país, considerando também a possibilidade de haver Estado sem território e territorialidades sem Estado. Santos e Silveira (2006, p.20) afirmam que “O território, visto como unidade e diversidade é uma questão central da história humana e de cada país e constitui um pano de fundo do estudo das suas diversas etapas e do momento atual”.

Os autores ainda citam que o território também pode ser definido a partir da implantação de infraestruturas e dinamismo econômico da sociedade, assim como serviços e formas de organização do trabalho. Nesse contexto, também é afirmado que é preciso considerar as técnicas que fazem parte do território, apropriação do solo, insumos técnicos-científicos, assim como também a divisão e especialização do trabalho.

É relevante destacar que nessa mesma obra, Santos e Silveira (2006) tratam da questão de uma Geografia em movimento, ou seja, através da influência do meio técnico-científico-informacional⁴ o sistema produtivo passa a estar atrelado em uma rede geográfica

⁴ Termo Meio Técnico científico informacional é abordado por Milton Santos em seu livro *Espaço e Método* (2012), este conceito se refere ao desenvolvimento e avanços tecnológicos do território brasileiro, como por exemplo as modificações e incorporações de capitais fixos (rodovias, ferrovias, portos, instalação de indústrias) que geram a necessidade de circulação de informações com mais rapidez. Contudo o termo acima

mais complexa, não sendo suficiente produzir, é preciso por a produção em movimento. Santos e Silveira (2006, p 167) afirmam que;

A criação de fixos produtivos leva ao surgimento de fluxos que, por sua vez, exigem fixos para balizar seu próprio movimento. É a dialética entre a frequência e a espessura dos movimentos no período contemporâneo e a construção e modernização dos aeroportos, portos, ferrovias e hidrovias.

Nesse sentido, cabe destacar os fluxos produtivos através dos sistemas de deslocamentos citados acima, na pesquisa apresentada aqui, leva-se em conta a distribuição da produção por meio de rodovias, essas proporcionam maior integração entre os estados brasileiros, no caso do Rio Grande do Sul e demais estados da região sul do Brasil, percebe-se que existe importante circulação de produtos e de matérias primas, assim como também de mão-de-obra. Santos e Silveira (2006, p.179) compreendem que há uma evolução em linhas interestaduais de transportes, mas permanece predominante em estados do Sul e sudeste, para eles, “Quando a presença do poder público no sistema de transportes é insuficiente, os fixos e os fluxos passam a pertencer ao domínio mercantil tanto em quantidade quanto na sua frequência.”

No ponto de vista de Cintra (2000, p.13), ao falar em desenvolvimento econômico industrial da região sul e sudeste deve se problematizar as disparidades regionais do país, as quais são resultados da própria forma como ocorreu o desenvolvimento brasileiro, nessas circunstâncias o autor afirma que;

O desenvolvimento produtivo do Brasil deu-se, sobremaneira, através de ciclos de produtos (pau-brasil, cana, ouro, café, borracha) que são regionalmente localizados. Destarte, a concentração industrial brasileira deu-se no sudeste pois o ciclo produtivo importante para o fornecimento do capital no momento da primeira onda industrializadora (1930) era o café. De modo que capital permaneceu concentrado em São Paulo e o centro administrativo do país no Rio de Janeiro, assegurando a esta região maior fortalecimento econômico.

Concomitante com esta análise observa-se que atualmente a sociedade vivencia uma realidade complexa, necessitando maior atenção quanto à infraestrutura econômica e respaldo macroeconômico objetivando integrar as inúmeras regiões do país, e após essas

citado é muito mais abrangente, sendo este uma conclusão do tempo em que o autor vivenciava em detrimento dos processos históricos de desenvolvimento econômico e tecnológico da sociedade.

com regiões externas, Cintra (2000, p.13) afirma também que são essas as mudanças que permitem e promovem melhorias e surgimento de centros que vem a canalizar os fluxos internacionais.

Há uma correlação entre o desenvolvimento do país apresentado por Cintra (2000) e as concepções propostas por Santos (2001, p.13), ao que o mesmo considera que tal desenvolvimento é possível devido às técnicas que dominam o mundo atual, as quais se instalam e espalham-se no território, sendo isto também o que fundamenta a ação de atores hegemônicos, como, por exemplo, empresas multinacionais, o mesmo autor ainda afirma que;

[...] Há, pois, uma relação estreita entre esse aspecto da economia da globalização e a natureza do fenômeno técnico correspondente a este período histórico. Se a produção se fragmenta tecnicamente, há, do outro lado, uma unidade política de comando. Essa unidade política do comando funciona no interior das firmas, mas não há propriamente uma unidade de comando do mercado global. Cada empresa comanda as respectivas operações dentro da sua respectiva topologia, isto é, do conjunto de lugares da sua ação, enquanto a ação dos Estados e das instituições supranacionais não basta para impor uma ordem global. Levando ao extremo esse raciocínio, poder-se-ia dizer que o mercado global não existe como tal.

Compreende-se que existem relações de causa e efeito atrelados ao progresso técnico, pois é por meio das técnicas que surgem possibilidades de existir um sistema econômico mundial. Sob esta ótica, aborda-se a questão do sistema de circulação de dinheiro, sob o qual, nos últimos anos as políticas implementadas permitem uma renovação para tal, Santos e Silveira (2006, p.185) asseguram que não há negligências no que se refere as fronteiras globais, visto que as mesmas estabelecem os chamados “umbrais” e lucram com as conversões monetárias, juros, pagamento dos royalties entre outros elementos que fazem parte da macroeconomia.

Assim, com base nesses autores, entende-se que esse sistema organizado por um rede de políticas e técnicas implementadas, tem como resultado o comando também do sistema econômico da sociedade em geral. Para Scarlato (2008, p. 334-335), no século XX ao analisar “[...] diferentes ramos industriais e suas relações com o desenvolvimento da tecnologia, verifica-se que a indústria química, a eletrônica e a de informática viveram neste século verdadeiras revoluções tecnológicas.” Ressalta-se que também houve avanço tecnológico os meios de comunicação, facilitando o contato entre as pessoas, na questão

econômica favoreceu as decisões políticas entre empresas de países distantes. O mesmo autor ainda afirma que; “O avanço nos transportes, juntamente com as comunicações, favoreceu assim a dispersão geográfica das indústrias [...]”.

Compreende-se que assim passou a se estruturar a nova forma de desenvolvimento econômico e industrial, ou seja, com base no avanço tecnológico, mas a realidade do Brasil como nos aponta Scarlato (2008, p. 336),

Apesar da defasagem entre o Brasil e os países estrangeiros no tocante às técnicas, deve-se salientar que os últimos não trouxeram todas as técnicas para o Brasil. Ao penetrarem no mercado brasileiro, eles acabaram apropriando-se do desenvolvimento que as, duras penas, a tecnologia nacional vinha produzindo. No processo de desenvolvimento da indústria brasileira antes da chegada das multinacionais, aquelas pequenas indústrias, vulgarmente chamadas de ‘indústrias de fundo de quintal’, já vinham experimentando um significativo desenvolvimento técnico [...].

Esse processo foi muito perceptivo principalmente na escolha da região sudeste do Brasil para a instalação de indústrias multinacionais, a qual oferecia melhores condições para circulação e fabricação de produtos industrializados.

Santos (2001, p.14) afirma que

Resultado do progresso científico e técnico, cuja busca se acelerou com a Segunda Guerra, a operação planetária das grandes empresas globais vai revolucionar o mundo das finanças, permitindo ao respectivo mercado que funcione em diversos lugares durante o dia inteiro. O tempo real também autoriza usar o mesmo momento a partir de múltiplos lugares; e todos os lugares a partir de um só deles. E, em ambos os casos, de forma concatenada e eficaz. Com essa grande mudança na história, tornamo-nos capazes, seja onde for, de ter conhecimento do que é o acontecer do outro. Nunca houve antes essa possibilidade oferecida pela técnica à nossa geração de ter em mãos o conhecimento instantâneo do acontecer do outro. Essa é a grande novidade, o que estamos chamando de unicidade do tempo ou convergência dos momentos. A aceleração da história, que o fim do século XX testemunha, vem em grande parte disto. Mas a informação instantânea e globalizada por enquanto não é generalizada e veraz porque atualmente intermediada pelas grandes empresas de informação.

Nesse contexto cita-se Scarlato (2008, p.338), onde ele expõe que para que o país possa se desenvolver “A conquista de tecnologias é uma condição fundamental para o desenvolvimento econômico e social.” Contudo, no caso do Brasil, a produção e pesquisas científicas tem se desenvolvido muito pouco, deixando o país em uma situação de desvantagem.

Por sua vez ao escrever sobre “*Divisão territorial do trabalho no Brasil*”, Scarlato (2008) afirma que para compreendermos a configuração geográfica do país, é necessário analisar aspectos da produção cultural, econômica e também das próprias relações de trabalho. O autor explicita que o Brasil, historicamente manteve trocas comerciais com outros países, desde o período Brasil Colônia e Brasil Império, ou seja, algumas relações sociais ainda perduram, mas com adaptações a realidade vivida. Principalmente após a Segunda Guerra Mundial foram observadas mudanças na divisão internacional do trabalho, uma vez que empresas multinacionais começaram a se instalar em países subdesenvolvidos (SCARLATO, 2008, p.339)

No texto de Scarlato (2008) referente ao Espaço Industrial Brasileiro, o mesmo aborda o contexto histórico da formação do espaço industrial do Brasil, explicitando aspectos que influenciaram na concentração de indústrias no sudeste do país. Para ele o processo de intensificação industrial está atrelado à evolução de técnicas, que estão intrinsecamente ligadas ao homem e a apropriação do território. Um elemento muito marcante em relação a apropriação do território são as técnicas que surgiram com a criação das fontes energéticas, essas ocasionaram mudanças tecnológicas que influenciaram na transformação da paisagem e do território.

Um aspecto a ser considerado, é o local onde as indústrias se instalam, os espaços usados pelas mesmas tende a ser estratégico, vindo a favorecer sua inserção no mercado consumidor, com o intuito de reduzir custos quanto ao deslocamento da matéria prima e de sua produção final, assim como a disponibilidade de mão-de-obra, a exemplo disso, cita-se as empresas frigoríficas Aurora, Perdigão e Batavo que se concentram no norte do Rio Grande do Sul e oeste de Santa Catarina, isso pois nesses locais que se concentram as pequenas propriedades rurais que criam gado, suínos e frangos.

Scarlato (2008, p.366) afirma que “No caso do Rio Grande do Sul, os pequenos produtores, imigrantes e seus descendentes guardam ainda tradições e técnicas de suas culturas de origem, dando uma tônica singular a região.” No caso do norte do estado, entende-se que esse aspecto influencia na forma de organização econômica da região, tendo características de um espaço de “interior”, com uma cultura muito ligada aos sujeitos que iniciaram o povoamento das cidades. Assim o norte do estado tem forte presença de agroindústrias familiares, e de pequenas propriedades rurais que produzem para subsistência.

Assim, ao falar em indústrias têxteis e metal-metalúrgicas, as quais também predominam na região, se questiona qual o fator que as leva a permanecer nesse espaço e qual a perspectiva de desenvolvimento econômico e social que as mesmas têm. Uma vez que ao contrário de agroindústrias, as mesmas por sua maior complexidade procuram se instalar geograficamente em regiões mais concentradas do país e onde os meios produtivos possuem maior desenvolvimento.

Como se percebe, o mercado possui uma lógica de produção e organizam-se estrategicamente para se manter no sistema capitalista. O Brasil inseriu-se mais ativamente nesse mercado competitivo em meados da década de 60, período em que foi denominado de “milagre brasileiro”⁵, que para o autor acima, foi nesse período que o Estado passou a desempenhar um papel importante quanto aos interesses públicos e as multinacionais. O país passa a atrair empresas através de incentivos fiscais, de modo que surgiram vários polos de crescimento no país, a exemplo disso tem-se a Zona Franca de Manaus, local que se especializou no desenvolvimento de bens de consumo duráveis, como eletroeletrônicos, os polos de crescimento, segundo Scarlato (2008, p.360) são áreas em que propagam o “[...] aumento da circulação do capital financeiro e a consequente ampliação dos mercados.”

Nesta perspectiva Custódio (1998, p.59) corrobora ao escrever que, “Nos anos sessenta, o país passou por uma fase de estagnação, porém no final dessa década e início da década de setenta, voltou a crescer a taxas elevadas até 1981, atravessando inclusive o período de acontecimento do primeiro choque do petróleo (1973-1974).” Para que houvesse o chamado “milagre econômico” houve a substituição pelas importações em setores de bens capitais, assim como também teve destaque as exportações industriais. De maneira geral houve abertura da economia do Brasil em setores pesados da indústria e também em ramos de calçados e têxteis, assim, de acordo com Custódio (1998, p.60) tais decisões resultaram em maiores “[...] exportações em alguns setores-chave, aumentadas de maneira considerável, principalmente em meados da década de oitenta, onde mais de 50% das exportações do país eram compostas por produtos manufaturados”.

É perceptível que na década de 60 o país vivenciou uma situação econômica complicada, de modo que se implementou políticas governamentais voltadas para exterior,

⁵ O período denominado “Milagre brasileiro” ocorreu entre os anos de 1969 e 1973, em que houve um forte crescimento econômico do país, nesta época o Brasil vivenciava a Ditadura Militar sob comando do general Médici. Este crescimento foi possível devido o Programa de Ação Econômica implantado em 1964, que permitia investimentos de empresas multinacionais e privadas no país, em que os resultados foram sentidos anos depois.

decaindo ainda mais as importações devido as altas tarifas cobradas, beneficiando as exportações, de acordo com Custódio (1998) houve a adoção de medidas para a produção de bens manufaturados para exportação objetivando combater o déficit que o governo anterior deixou, o autor expõe que o resultado dessa crise foi o endividamento do Brasil. Destaca-se que no período de 40 a 50, e também no final de 60 houve considerável aumento de empresas estatais com objetivos políticos e econômicos, contudo já na década de 70 o Brasil toma medidas para reduzir a criação de estatais, sendo quem em 1981 cria-se a Comissão Especial de Desestatização, ou seja, início ao processo de privatizações. De acordo com Custódio (1998, p.65);

Esse processo também cria estímulos a uma maior competitividade na economia e um aumento da produtividade, transformando, no médio prazo, toda a organização econômica brasileira, aproximando-a da tendência atual do moderno sistema capitalista mundial, hoje baseado na qualidade, produtividade e competitividade.

Constata-se que esse autor entende a privatização como modernização do estado e inserção do mesmo no modelo de produção global, contudo para isso se fez necessário a criação de novas políticas voltadas para o setor de desenvolvimento industrial, ao que temos então na década de 1990 no governo de Fernando Collor de Mello a abertura da economia a importações, em que as tarifas são reduzidas facilitando o desenvolvimento econômico. Cabe ressaltar, que neste período tem-se a influência do neoliberalismo, segundo (Bielschowsky; Satumpo, 1996 apud SANTOS 2012, p.249) “As políticas neoliberais adotadas proporcionaram, no âmbito microeconômico, o aumento da produtividade e da competitividade das empresas e o avanço da internacionalização da economia brasileira.” Santos (2012) ainda afirma que essas medidas têm seu lado perverso, ou seja, o desemprego e o empobrecimento da população devido à diminuição salarial, entre outros problemas surgiram nesse período, resultando no *impeachment* do presidente Collor, contudo em 1994 Fernando H. Cardoso deu continuidade a política neoliberal aprofundando a abertura econômica e promovendo a redução do *déficit*. Santos (2012) expõem que;

No governo FHC, tanto os processos de abertura como os de estabilização da economia não foram promovidos em sintonia com adoção de uma política macroeconômica e cambial que permitisse, aos produtores nacionais, competir nas mesmas condições que os concorrentes internacionais. Deste modo, os fatores de competitividade sistêmica (juros altos, infraestrutura precária, tributação elevada, exigências burocráticas etc.) e a valorização da moeda local, num cenário de redução das

alíquotas de importação, ocasionaram um aumento substancial das importações e, pior ainda, a substituição da produção local por componentes e produtos acabados importados.

O processo que levou a privatizações nos moldes neoliberais operacionalizou e reestruturou a indústria brasileira, ao mesmo tempo em que levou ao aumento do desenvolvimento econômico do país ocasionou desigualdades sociais em prol da acumulação de capital e redução de custos, tornando precárias as condições de trabalho, isso em favor do aumento da produção em uma realidade internacional competitiva e que exige produção em larga escala e com qualidade.

Segundo Santos, (2012a, p. 181)

No governo de Fernando Henrique Cardoso (1994-2002), adotou-se uma política macroeconômica que, por um lado, permitiu o controle da inflação e, por outro lado, foi extremamente perversa porque se baseou numa paridade cambial, em elevadas taxas de juros internas e no aumento do endividamento público

Vivencia-se então uma economia privatizada, na qual se tem a descentralização do poder. Após constantes crises econômicas e de desvalorização da moeda brasileira, o segundo mandato do FHC propõe algumas medidas inflacionárias através de políticas monetárias rígidas.

Conforme Paulani (2011), no governo de Lula a política econômica do país é alterada, de modo que as medidas tomadas são em prol da inserção do Brasil em circuitos internacionais de acumulação de capital, realiza então uma reforma no funcionalismo público que priorizou interesses privados, de modo que se firma com maior força a inserção brasileira no mercado internacional para acumulação financeira. Para a mesma autora tem-se que o Estado dispõe de ferramentas de intervenção que permite passar por diversas crises, como foi o período neoliberal com bancos nacionais, Paulani (2011, p.24) entende que “[...] a economia brasileira é hoje uma economia financeirizada, com um acelerado processo de centralização de capitais e completamente integrada ao capitalismo rentista dominante. A principal ferramenta para a engorda dos recursos de rentistas internos e externos é o Estado.”

Para finalizar este capítulo, cita-se Cintra (2001, p. 14), este autor afirma que referente ao crescimento econômico, ao ter o mesmo como principal meta do Estado, isso vem a esconder outros elementos como o “O conflito entre os incluídos e os excluídos se dá

fora dos limites pré-estabelecidos, sendo que a regulação catalisadora por parte do Estado apresenta-se, na contemporaneidade, enquanto a melhor forma de incluir os excluídos.” Mais do pensar na formação socioeconômica é necessário pensar formação socioespacial, a qual é fundamental na mediação das políticas de desenvolvimento.

Capítulo 3 - Organização espacial e econômica: redes e circuitos econômicos

Atualmente e cada vez mais, as redes estão presentes no cotidiano, não tendo como nos desvincular desta realidade, visto que estão associadas a uma dinâmica mundial de produção do espaço econômico, presentes também em pequenos centros urbanos, estando atrelados a conexões e fluxos, e pontos fixos. Assim para descrever o conceito de redes aborda-se com ênfase nesse capítulo as definições propostas por Milton Santos, assim como também concepções de outros autores como Braga (2010), Sousa e Junior (2010) e Corrêa (2012). Este é o conceito central desta pesquisa, portanto os resultados do trabalho estarão correlacionados com as ideias apresentadas aqui.

Compreende-se que as redes promovam relações econômicas e pessoais que estão em constante mudança, não sendo estáveis. O pesquisador Raffestein (1993, p.213) em sua obra “Por uma Geografia do Poder”, ao abordar o conceito aqui estudado, afirma que “[...] controlar as redes é controlar os homens e é impor-lhes uma nova ordem que substituirá à antiga”. O mesmo autor ainda afirma em sua obra que a,

A rede faz e desfaz as prisões do espaço, tomado território: tanto libera como aprisiona’. É o porquê de ela ser o ‘instrumento’ por excelência do poder. Circulação e comunicação procedem de estratégias e estão a serviço delas. Redes de circulação e comunicação contribuem para modelar o quadro espaço-temporal que é todo território. Essas redes são inseparáveis dos modos de produção dos quais asseguram a mobilidade.(RAFESTEIN, 1993, p. 204)

As redes são circuitos econômicos dos quais a sociedade depende para a produção de seus bens de consumo, assim Braga (2010) apresenta-nos três tipos de redes, as quais estão dispostas na obra do pensador francês Miossec (*La localisation des forces de décision dans le monde: esquisse de géographie politique théorique*. In: Ribeiro, 2001) e são apresentadas na tabela 1. Contudo, corroborando com isto, tem-se o pesquisador Corrêa (2012, p.209), o qual afirma que ao emergir do processo de industrialização, tem se acentuado no mundo interações sociais, divisão do trabalho e divisão social, assim, para ele é nos centros urbanos que cada vez mais se acentua as redes geográficas, com diversas funções e espacialidades, sendo esta uma marca do sistema capitalista. Em outras palavras o autor expõe que “[...] a rede urbana constitui um poderoso meio pelo qual produção, circulação e consumo

capitalistas são realizados. Valor, mais-valia, despesas com o consumo, margens comerciais e ganhos com os serviços [...]”.(CORRÊA 2012, p. 211)

Tabela 1 Tipos de Redes por Miossec

| | |
|---------------------------|---|
| Rede de distribuição | Esta se refere à distribuição dos bens e serviços, sendo baseada na proposta de Walter Christaller (1993), que aborda a teoria das localidades centrais, as quais determinam locais com certas funções. |
| Rede de produção | “[...] composta de fluxos de matérias-primas, bens intermediários e/ou produtos finais. Está relacionada aos lugares com vantagens de produção visando atender à demanda de necessidades humanas e divisão do trabalho.” (BRAGA, 2010, p. 30) |
| Rede de gestão ou Decisão | “[...] papel gestor desenvolvido pelo Estado ou pelo setor privado (empresas), formando redes estratégicas onde circulam informações e ordens.” (BRAGA, 2010, p. 30) |

Fonte: RIBEIRO, 2001

Compreendendo o direcionamento que a pesquisa apresentada segue, considera-se mais relevante a rede de produção, ou seja, a rede enquanto um objeto para analisar de que forma está organizada espacialmente a empresa. É possível considerá-la uma agremiação, visto que sujeitos trabalham em um sistema de rede levando em consideração elementos como de localização da empresa e suas várias funções dentro do sistema econômico regional e nacional.

Corroborando com isso, Braga (2010) em sua pesquisa entende que se trata de arranjos que levam em conta as localizações geográficas, que são pontos que se interconectam através de um sistema de ações, os quais respondem pelo capital que é produzido e reproduzido pela empresa, sendo este um argumento usado para explicar que as empresas podem também ser consideradas redes corporações.

Sousa e Junior (2010), ao analisar estudo de Redes nos trabalhos de Milton Santos, sintetizam que o pesquisador estava se deparando com aspectos da modernização, que diretamente influenciam no crescimento das redes, sejam elas econômicas, de transporte ou de comunicações. Estes mesmos autores ainda afirmam que:

É evidente que a rede no sentido de objetos geográficos é presente nos escritos de Santos na medida em que ele descreve as instalações das rodovias, ferrovias, dos portos e aeroportos, e o papel dessa coleção de redes na organização do território baiano, Santos (1955; 1957; 1960; 1958a; 1959c), contudo a escala que levava em consideração as redes continentais ainda não era utilizada, pois o espaço geográfico era estudado através da descrição da paisagem regional (SOUSA, JÚNIOR, 2010, p.7)

Nesse contexto, fica evidente que pouco a pouco foi inserido no espaço as redes de técnicas, que para Sorre (1961, p. 194, *apud*: SOUSA E JUNIOR 2010, p. 07) são chamadas de “[...] redes universais transoceânicas e transcontinentais”. Percebe-se que as Redes são intrinsecamente ligadas a questões de técnicas, que Santos (1996, p.25 *apud* SILVEIRA, 2003) entende como “[...] um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”.

De um modo geral, Santos (1996, *apud* SILVEIRA, 2003) apresenta o conceito de redes como: “[...] dinâmicas e ativas, mas não trazem em si mesmas seu princípio dinâmico, que é o movimento social. Este é animado tanto por dinâmicas locais quanto globais, notadamente demandadas pelas grandes organizações”.

No contexto da pesquisa realizada sobre o conceito de redes, entende-se que o mesmo se articula e se faz presente em questões de fluxos econômicos, inserção no mercado regional e nacional, levando em conta questões de produção e logística dos produtos finais, constituindo assim uma rede de mercado consumidor dos produtos desde a produção inicial até a fase final, sendo articulado com uma dinâmica social e econômica, de modo a expressar a existência de relações de poder sobre o espaço.

Se tratando de técnicas, destaca-se a discussão sobre globalização, apresentada no livro “*Por uma outra Globalização*” (2001), no qual Santos aponta três formas da mesma existir, sendo elas: como Fábula, ou seja, um mundo que acreditamos existir mas não existe; como Perversidade, um mundo que ao mesmo tempo traz benefícios ofusca os malefícios como a pobreza, miséria, desemprego, doenças entre outros problemas; e também nos aponta para uma globalização como Possibilidade, que segundo o pensador significa:

[...] podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia [siq.] para construir a globalização perversa [...] (SANTOS, 2001, p.10).

No mesmo contexto da Globalização como perversidade, Silveira (2003, s/p) explica em seu artigo que “o processo de globalização da economia capitalista nos tem permitido identificar a constituição de um mercado hierarquizado e articulado pelo capital monopolista.” Pressupõe assim, a existência de espaços em que haja fluidez de produtos, capital, informações e relações sociais, com destaque para o acúmulo de capitais. Sob a ótica deste mesmo autor, é afirmado que:

[...] espaço dos fluxos não há como não considerar o fato de que a fluidez e a funcionalidade técnica requerida ao território evidenciam a importância estratégica e funcional das redes técnicas. Nesse aspecto, as reflexões quanto aos efeitos e às determinações do processo de globalização da economia em relação ao papel das redes e sua relação com a produção e organização do espaço geográfico em geral, e do território em particular, adquirem fundamental importância [...]

Aqui é elencado o seguinte questionamento: Qual alcance das redes e de que forma estão incluídas e desafiam o poder consolidado, e as novas formas que a sociedade se organiza em tempos de globalização, uma vez que o desenvolvimento tecnológico passou a facilitar circulação de informações, mão de obra, dinheiro matéria prima e produtos já industrializados, não se limitando a um único território, mas estendendo seu alcance vindo a conectar distintas realidades? Com o processo de globalização emergem novas formas de organização da sociedade, redes de inclusão e exclusão, com integração econômica e de mercados.

Empresas transnacionais são os principais agentes da globalização, e foi a partir do século XIX que elas ganharam mais força e destaque na economia, surgindo muitas políticas de Estado que passam a favorecer as mesmas. Assim, claramente acredita-se que as distâncias entre países e estados encurtam-se devido à facilidade de troca de informações e serviços através das redes. Ressalta-se que no sistema de redes o principal pilar é o modelo econômico capitalista juntamente com a tecnologia e o consumo. Compreende-se também que a formação de blocos econômicos mundiais como a União Europeia e o Mercosul são exemplos claros de organização mundial por redes, para competir na economia mundial.

Santos em seu livro “*A natureza do espaço: técnica e tempo - razão e emoção*”, (p.270, 2008) afirma que "O interesse das grandes empresas é economizar tempo, aumentando a velocidade da circulação [...] Corporatização do território é a destinação prioritária de recursos para atender as necessidades geográficas das grandes empresas.

Assim, tem-se que as mercadorias, informações e serviços passam a circular com rapidez por meio das redes de técnicas, as quais permitem a existência de mercados produtores e consumidores de grande escala. Fica explícito que a partir das redes, as empresas transnacionais e corporações adquirem maior poder econômico e influência sobre outros países e empresas menores.

No caso do Brasil, é relevante citar e compreender a dinâmica de redes existente no estado de São Paulo, a capital paulista tem sido transformada socialmente e economicamente ao longo do século XX e agora do século XXI, em que as redes geográficas invadiram seu espaço modelando o território do sudeste brasileiro, uma vez que ali existem centros administrativos, comerciais, condomínios, redes de indústrias, redes bancárias, redes de fluxos viários. Ou seja, as redes sociais e econômicas fortemente modelam o espaço paulista, promovendo ali a circulação de bens de consumo e de serviços, capital financeiro, exportações e importações, etc. Efetuam-se trocas entre as redes existentes, contudo competindo em um mesmo espaço através de estratégias e do poder que as empresas possuem.

Corrêa (2012, p.213) segue esta mesma linha reflexiva quando afirma que:

A produção capitalista necessita de publicidade e financiamento para o consumo. Empresas da metrópole, com ou sem capitais da corporação em pauta, mas com ela mantendo relações, fazem a promoção publicitária dos produtos, utilizando-se de empresas jornalísticas e de televisão da metrópole, e de inúmeras empresas radiofônicas localizadas nas cidades do seu espaço de atuação. Nesse mesmo espaço distribuem-se as agências da rede bancária que viabiliza o financiamento ao consumidor. Os bancos podem ter suas sedes na mesma metrópole da sede da corporação, mas, cada vez mais, as têm instaladas em outras metrópoles. Trata-se de conexão macroescalar, que designa a rede geográfica da corporação como uma sub-rede de um grande centro metropolitano.

Destaca-se que as redes geográficas são elementos importantes para que o sistema capitalista tenha seu crescimento, tendo um papel efetivo na organização do espaço geográfico. O mesmo autor afirma que:

As formas espaciais (como as redes geográficas) são o resultado de complexas relações entre estrutura, processo e função, constituindo, as quatro categorias, uma unidade indissociável, conforme argumenta Milton Santos. Mas são também meio e condição de reprodução, atuando sobre a estrutura, o processo e a função. Nessa articulação, a forma espacial, como uma rede geográfica, é dotada de funcionalidade, expressa em seu

conteúdo e seu arranjo espacial, os quais denotam as características da estrutura social e de seu movimento. É nesse sentido que se torna importante o estudo das redes geográficas, enquanto formas espaciais [...]. (CORRÊA, 2012, p. 206).

Compreende-se, com base em Corrêa (2012) que a sociedade mundial emerge do sistema de industrialização em que a divisão de trabalho e as interações espaciais são responsáveis pela constituição de diversas redes geográficas, cada uma com função distinta, contudo atreladas à finalidade exercidas pelos centros urbanos.

Nessas circunstâncias é destacado que se tem uma nova organização da sociedade articulada por redes de fluxos, que uniu os espaços de industrialização, também segmentando o espaço econômico mundial, questões fortemente vinculadas a mundialização do capitalismo, a qual introduziu uma nova ordem mundial reconstruindo a economia.

Oliveira (2008, p.246) expõe que modo capitalista promoveu o processo de internacionalização, que decorre do desenvolvimento dos diversos setores industriais, “[...] a partir de uma crescente integração de fluxos de conhecimentos técnicos, matérias-primas, bens-intermediários, produtos e serviços finais através de diversos países do mundo.” Sendo este um processo que o sistema capitalista transformou focado na economia mundial, destaca-se que decorre disso mudanças nas formas de produção, posteriormente de organização econômica e social prevalecendo o modelo tecnológico que fortalece o desenvolvimento da economia global.

Compreende-se que a ligação entre Estado e Capital reconfiguram a organização espacial, havendo uma diversificação do sistema produtivo, maior desenvolvimento diretamente aplicado a inovações empresariais, o sistema econômico é regulamentado pelo capitalismo, ou seja, tem-se grande complexidade e diferenças quanto a estrutura no território. Nessa perspectiva, tem-se na estrutura capitalista enfoque para a competitividade visando potencializar as redes de comercialização de produtos.

Concomitante com estas análises, Santos (1999, p.13) trata do conceito de Redes, expondo as ideias de N. Curien (1988, p. 212) o qual afirma que "Toda infra-estrutura permitindo o transporte de matéria, de energia ou de informação que se inscreve sobre um território onde se caracteriza pela topologia dos seus pontos de acesso ou pontos terminais, seus arcos de transmissão, seus nós de bifurcação ou de comunicação." Ou seja, a definição de redes por ele descrita revela implicitamente que a ação do modelo capitalista, e a própria

culminância do neoliberalismo influenciaram na formação de novas redes produtivas, econômicas, políticas e também sociais. Santos (1999, p. 13-14) ainda afirma que;

As redes são portadoras de informações, na forma de produtos, mercadorias, ideias [sic], dinheiro, recados afetivos. Sua função fundamental é assegurar ligações, nos seus mais diversos aspectos. Essa é sua força, tanto maior quanto mais numerosa a variedade de comunicações que o seu conteúdo técnico é capaz de permitir. As redes são, ao mesmo tempo, globais e locais. São globais porque cobrem todo o ecúmeno e, na verdade, constituem o principal instrumento de unificação do Planeta. Mas elas também são locais, já que cada lugar, através de sua estrutura técnica e de sua estrutura informacional, acolhe uma fração, maior ou menor, das redes globais. No lugar, elas servem ao trabalho e ao capital (vivo) e determinam a sua natureza.

Conforme já discutido ao longo do trabalho há inúmeros elementos que nos sugerem a definição do conceito geográfico de Redes, Milton Santos muito escrevia sobre o assunto, e para ele a tendência é cada vez mais se organizarem em escala global, seja em redes produtivas, de transporte, comércio ou informação, as mesmas são invisíveis e incompreensíveis, o autor em 1999 já afirmava que as mesmas podem ser percebidas em manifestações locais ou regionais, sendo relevantes para compreender de que forma a sociedade mundial se articula em movimentos, intensidades e orientações. Santos (1999, p.14), afirma que o espaço geográfico pode ser comparado com um teatro de diferentes fluxos e conteúdos, é formado por redes desiguais e com diversas características que estão sobrepostas e ligadas umas a outras em níveis e escalas diferentes. Conforme proposto por Santos (1999, p.14) “[...] o todo constitui o espaço banal, isto é, o espaço de todos os homens, de todas as firmas, de todas as organizações, de todas as ações - em uma palavra, o espaço geográfico.”

De forma preponderante explicita-se que são os atores hegemônicos que usufruem das redes e dos territórios. Ao que Santos (1999, p.15) nos diz que os territórios nacionais são transformados pela economia internacional e os próprios sistemas de engenharia moderna que cada país cria são usados por empresas multinacionais do que por empresas da sociedade nacional.

Decorre dessas observações que o desenvolvimento dos meios produtivos e as relações entre distribuição/circulação de produtos estão imbricados com a organização em redes da sociedade, que influenciam diretamente no desenvolvimento econômico do país.

Destaca-se que as interconexões globais e a intensidade em que ocorrem agilizam as negociações internacionais, diminuindo distâncias entre lugares e o espaço geográfico se comprime, ou seja, a organização por meio de redes possibilita maior fluidez eliminando barreiras, visto que as relações econômicas ocorrem com maior facilidade do que em outros tempos, transformando cidades importantes em nós de convergências das redes. Esta é a lógica do sistema capitalista, em que busca maior flexibilidade para relações produtivas e econômicas, atrelado a isso a universalização das técnicas e meios de comunicação, onde há uma expansão do capital hegemônico e intensificação dos fluxos.

Compreende-se a partir das leituras das obras de Milton Santos, que o mundo globalizado tem novos delineamentos e características, em que atores que detêm maior poder tem os melhores espaços do território, expandindo mais suas influências sobre os demais atores sociais. Existe, portanto, disputas pela apropriação do espaço, maior acumulação de capitais, aceleração dos fluxos, produção do espaço com valores de uso e de trocas comerciais, ou seja, processos complexos se intensificam na organização da sociedade, e, dentre tudo isso, encontram-se as redes que contribuem para a interação entre cada um desses elementos.

Corrêa (2012, p. 202) contribui com esta análise afirmando que;

Os fluxos no âmbito dessa rede são intensos e diferenciados, qualitativa e quantitativamente, envolvendo informações, capital, pessoas e mercadorias. Nessa rede geográfica há uma divisão territorial do poder e do trabalho, apresentando-se os seus centros tanto hierarquizados como complementares entre si.

Constata-se que o modo que a sociedade se organiza, é atrelada a uma rede geográfica, sendo que a mesma tem suas próprias funcionalidades e arranjo espacial, sendo um processo globalizante e que pressupõe a apropriação das técnicas para explorar novos espaços, novos mercados produtivos e consumidores, em prol do desenvolvimento industrial e econômico. Denota-se, portanto, a globalização das redes e maior articulação econômica entre indústrias, maximizando a acumulação de capital em que pressupõe relações externas e internas, complexas as quais resultam do mercado social do trabalho.

Corroborando com isso, Oliveira (2008) ao escrever sobre o modo capitalista, afirma que a globalização da economia capitalista segmentou o espaço econômico mundial incorporando novas formas e funções.

Já nos estudos de Johanson e Vahlne (1990, p. 19 *apud* SANTOS 2012, p.49), é apresentado que através do modelo capitalista;

Tanto as relações como as redes devem ser compreendidas a partir da interação interna e o conhecimento do mercado – essencial no modelo de internacionalização – está baseado nas atividades de negócios atuais e/ou interações de atividades entre as empresas. Ou seja, “em relação à internacionalização da firma, a perspectiva das redes defende que a internacionalização está envolvida inicialmente em uma rede que é principalmente doméstica”

De maneira geral, a isso estão atrelados elementos de desenvolvimento, exploração do mercado e crescimento econômico a partir dos quais surgem novas bases de relação entre Estado e empresas.

Nessas circunstâncias, compreende-se que a organização espacial é um elemento relevante a ser analisado para entender a realidade do estudo apresentado na sequência. Apreende-se por fim, que a organização social apresenta vínculos com transformações ocorridas no passado, atualmente tem-se o sistema capitalista que ordena os arranjos territoriais, ou seja, tem-se a presença do Estado, seguido do Capitalismo, que gere as economias de aglomeração dispostos em redes, fluxos e fixos, e por fim o espaço encontra-se organizado em formas, funções e estruturas determinadas pelos atores supracitados.

Ressalta-se nesse contexto o termo disjunção produtiva, o qual está relacionado com a circulação de informações e formação de novas relações de atividades econômicas, de modo a surgir a separação entre espaços de gestão e de produção, obedecendo a lógica capitalista de acumulação visando reduzir custos gerados pela produção, existindo assim uma desconcentração industrial.

Corroborando com o que foi escrito ao longo do capítulo, tem-se a disjunção produtiva como reflexo do aumento da circulação de informação, como dizia Milton Santos, a difusão do meio técnico científico informacional, que nesse contexto Ortigoza e Cortez (2009, p.84) expõe que “Posteriormente aos avanços tecnológicos nos meios de transportes e comunicação ocorreu a disjunção espacial das atividades produtivas e a busca por aglomerações industriais. A cadeia produtiva integrada passa a se representação da grande indústria do passado.” Tem-se portanto uma nova estruturação e segmentação do espaço geográfico industrial, devido as novas possibilidades locacionais oferecidas pelo acesso a

transportes e tecnologias, vivencia-se portanto acumulação flexível de capitais onde se tem investimentos cada vez maiores em indústrias de todo mundo.

Capítulo 4 - Indústria Têxtil Marcolin: contexto histórico e organização através do APL Polo Vest

Após realizar discussão teórica referente ao Capitalismo, Globalização e conceito de Redes, desenvolve-se então o estudo de caso, utilizando como referência a Indústria Têxtil Marcolin, para desenvolver este capítulo insere-se aqui entrevista realizada com o sócio proprietário André Faversoni Marcolin e sócia proprietária Joeli Faversoni.

A Indústria Têxtil Marcolin está situada no município de Erechim, com fundação no ano de 1969 por Waldemar Marcolin, atualmente está sob direção de André Faversoni Marcolin, localizada na microrregião de Erechim, segundo definição de região do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade de Erechim é considerada um Polo Regional em relação à economia, sendo a segunda cidade mais populosa da região norte do Rio Grande do Sul (RS), na Figura 2, visualiza-se o mapa com localização do município de Erechim.

Figura 2: Erechim e microrregião.



Fonte: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16799-erechim-rs&Itemid=30192

No ramo têxtil, especificadamente Tear Eletrônico, a empresa Marcolin, é a única na cidade de Erechim, assim sua articulação no APL é relevante para seu desenvolvimento econômico.

De acordo com o sócio proprietário Marcolin e a sócia proprietária Faversoni, na época em que a empresa começou a se formar era muito forte a tradição das famílias fazer a costura para seus familiares, tanto de peças novas quanto ajustes em caso de não estar na medida correta, contudo com o passar do tempo as mulheres além de desenvolver trabalhos domésticos começaram assumir responsabilidades fora de casa, como a realização de trabalho assalariado, surgindo assim a demanda por trabalho especializado em corte e costura. Surge nesse contexto os primeiros trabalhos da Empresa Marcolin, que começou a fabricar shorts infantis, roupa de batizado, calças, camisa, casacos, macacões, roupas sociais, tudo sob medida, substituindo a costureira doméstica, eram peças exclusivas, não sendo produção por escala.

Lentamente a empresa passou a ganhar maior espaço e importância junto à comunidade local. Os trabalhos eram realizados através de pedidos exclusivos para cada pessoa, nesse âmbito que a clientela foi aumentando frente ao que o mercado oferecia, pois a distância para adquirir produtos para uso individual vinham de muito longe e se tornava muito caro para a população local, assim o deslocamento das famílias era inviável e a Empresa Marcolin passou a oferecer esse trabalho sem a necessidade do deslocamento das pessoas, reduzindo custos. Contudo esse deslocamento em busca de matéria prima quem passou a fazer foram os proprietários da empresa, Faversoni e seu esposo. Faversoni em entrevista informou que os fios e aviamentos para costura eram comprados em Caxias do Sul, e o deslocamento até o município era feito com veículo próprio, um Fusca.

Marcolin e Faversoni afirmam que a empresa teve dois momentos importantes em sua história, que seguem representados na Tabela 2, a qual também aponta elementos relacionados à produção que era feita pela empresa indicando a origem da matéria prima, é relevante analisar, que nos três períodos citados a origem dos materiais utilizados passou e vir cada vez de mais longe, isto devido a qualificação e o ingresso da empresa em um sistema de redes econômicas mais abrangente e com o intuito de obter maior alcance para a venda de seus produtos, sendo que a partir do anos de 1997 a Empresa Têxtil Marcolin ingressa em uma nova fase, visto que a necessidade de aprimoramento do trabalho oferecido

e a atualização tecnológica se torna imprescindível para acompanhar o ritmo de desenvolvimento do país.

Tabela 2: Períodos de desenvolvimento produtivo da Indústria Têxtil Marcolin.

| Período | O que produzia | Origem da matéria prima |
|-------------------------------------|---|--|
| Até início da década de 1970 | Malharia retilínea | Caxias do Sul |
| Década de 1970 | Peças em couro; ✓ Saias; ✓ Casacos; ✓ Blaser | Getúlio Vargas; Marau |
| Década de 1980 | Tecido plano ✓ Camisas; ✓ Jeans; ✓ Peças em linho, viscose, poliéster, flanela e veludo. | São Paulo (SP) Carambeí (PR) |
| 1997 | Malharia retilínea | Teares do Japão Fios: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo |

Fonte: Tabela construída a partir de entrevista realizada com Marcolin e Faversoni, 2016.

Ressalta-se que além de fabricar é preciso vender os produtos, desse modo que se criaram uma rede de lojas, as quais seguem descritas na tabela 3.

Tabela 3: Redes de lojas Marcolin

| Período | Loja |
|-----------------------|------------------------|
| Década de 1980 | Loja D'Jô |
| 23-12-1983 | Loja Varejão |
| Década de 1980 | Loja VJô |
| Década de 1990 | Rede de Lojas Marcolin |
| 2015 | Loja Marcolin Mallwe |

Fonte: Tabela construída a partir de entrevista com Marcolin e Faversoni, 2016.

Referente à tabela 3, tem-se que nos 1980, de acordo com os sócios proprietários Marcolin e Faversoni, abriu-se a segunda loja D'Jô, em homenagem a sócia proprietária Joeli Faversoni, esta loja fechou, criou-se então a Loja Varejão em 23 de dezembro de 1983, nesta nova loja trabalhavam com ponta de estoque, contudo os clientes não queriam ponta de estoque, foi preciso repensar as estratégias de venda, surgindo assim o slogan *Marcolin: o jeans do jeito que você gosta*, com uma estrutura de lojas superior as anteriores, com um prédio de 4 andares de lojas, tendo foco na venda de produtos de tecido plano as quais não dependiam de sazonalidades, por esse motivo havia muita venda, também se caracterizando como o maior centro de moda na região Norte.

Antes da abertura do centro de moda na principal Avenida de Erechim, foi inaugurado em Concórdia abriu a loja VJô, (Valdemar e Joeli) contudo devido a problemas logística decidiu-se fechar loja, após se construiu o edifício na Avenida Maurício Cardoso, já citado.

A década de 1980 foi marcada por muitas mudanças na empresa e rede de lojas Marcolin, sendo um período que indicava crescimento da empresa, com aumento de vendas e produção, necessitando expandir o espaço da indústria, desse modo em 1980 inaugurou-se a atual instalação da fábrica, que levou também a criação do slogan acima citado.

Refletindo sobre essa significativa expansão da Indústria Têxtil Marcolin em contraponto do desenvolvimento econômico do Brasil, tem-se a abertura do Brasil ao mercado internacional, Gennari (2001, p.33) pontua que;

Transcorridos vinte anos de ditadura militar, a sociedade brasileira experimentou, em meados dos anos oitenta, algumas mudanças profundas, representadas de um lado pela abertura política, e de outro lado pela profunda crise econômica, oriunda fundamentalmente do esgotamento do padrão de financiamento da acumulação (dívida externa elevadíssima, recrudescimento do processo inflacionário, estagnação etc.) e das mudanças estruturais por que passava o modo de produção capitalista em nível mundial.

Ao fazer essa citação destaca-se que o nível capitalista mundial citado acima se refere ao sistema neoliberal de mercado, o qual é uma nova fase do capitalismo, que surgiu com força nos anos 80, Duménil e Lévy (2007, p.01) afirmam que

Considerando seus traços mais gerais nos países do Centro, como nos Estados Unidos e na Europa, destacam-se três características: uma

dinâmica mais favorável da mudança tecnológica e da rentabilidade, a criação de rendas a favor das classes mais abastadas, e a redução da taxa de acumulação. O imperialismo na era neoliberal pode se caracterizar pela hegemonia dos Estados Unidos, que drenam fluxos enormes de renda do resto do mundo. Mas esse domínio é solapado pelos desequilíbrios externos crescentes do país, a expressão de uma onda extraordinária de consumo por parte das famílias.

Ao que se refere às mudanças ocorridas Brasil, tem-se como destaque que seguido da crise econômica o governo o mesmo passa a se inserir no sistema capitalista mundial, ou seja, o país cria políticas de abertura econômica ao mercado internacional, Gennari (2001, p. 30) expõe que "O Governo Collor significou o início de uma ruptura que marcou definitivamente a trajetória brasileira. A tarifa nominal média de importação, de cerca de 40%, em 1990, foi reduzida até atingir 13% em 1995." Além de facilitar as negociações com outros países, tem aumento da competitividade no mercado interno, influenciando economicamente as grandes e pequenas empresas, no caso da Marcolin, em que a mesma se encontrava e encontra inserida no interior do país os reflexos foram sentidos, embora com características próprias, principalmente marcada pela presença de colonizadores alemães e italianos com forte vínculo com a terra, a demanda por serviços especializados pouco a pouco foi surgindo, assim tem-se a inserção de novas técnicas de produção neste espaço, ou seja, a indústria passa a trabalhar em escala de produção, uma vez que os elementos técnicos, como citado no capítulo 3, o meio Técnico científico informacional, passam a se inserir em novos espaços geográficos.

A influência das técnicas e a abertura econômica do Brasil passaram a estar mais presente e exigir mais qualificação e apropriação de novas tecnologias, de modo que a empresa necessita repensar sua estratégia de inserção no mercado consumidor.

Sob as influências econômicas do país, e a relação de emprego e custo de trabalho passou a ser mais caro, com o aumento da competitividade a empresa precisava se adequar a nova realidade, assim o sócio proprietário Marcolin afirma que em 1997 a empresa passa a vivenciar uma nova fase, um dos motivos também é a mudança de geração na administração do negócio familiar, ou seja, Marcolin assume reponsabilidade total sobre os negócios da família, antes gerenciados por seu pai e sua.

Nesta nova fase realizam-se algumas pesquisas para identificar quais mudanças seriam necessárias na empresa para que a mesma pudesse acompanhar o ritmo de crescimento econômico e demanda dos clientes por novas tecnologias.

Assim a empresa Marcolin passa buscar novas possibilidades de ingressar neste mercado competitivo, realiza-se então uma parceria com a marca Shima Seiki⁶ para investir em malharia retilínea, conforme entrevista com Marcolin, esta escolha foi

[...] por não haver muita concorrência e o conhecimento com malharia já obtido até o momento foi essencial para nessa decisão, foi investido em dois teares eletrônicos, um sistema de programação, treinamento em Caxias do Sul para quando os mesmos teares e programas chegassem estarem preparados para tal.

Com a implantação de novas técnicas de produção também foi necessário buscar novos mercados consumidores, para isso através de pesquisas percebeu-se que em São Paulo se encontrava um mercado favorável para venda dos produtos feitos na Empresa Marcolin. Destaca-se que as vendas em São Paulo se caracterizam por ser o sistema *Private Label*⁷, através do qual se obteve maiores volumes de vendas, possibilitando avanço nas técnicas e crescimento da empresa, que hoje conta com 11 teares eletrônicos da marca Shima Seiki, totalizando em todos os setores da empresa 77 funcionários contratados.

Conforme pesquisa percebe-se que a mão-de-obra é oriunda em sua maioria de Erechim, contudo a matéria prima utilizada na empresa é comprada desde indústrias do Rio Grande do Sul e de outros estados do Brasil, na Tabela 3 e Mapa 1 pode ser analisada essa questão. Contudo é relevante perceber que a empresa possui uma estratégia de localização vinculada à disponibilidade de mão-de-obra, como afirmado por Marcolin e Faversoni durante entrevista "*O que motivou é a continuidade dos negócios e apego as raízes, mão-de-obra carinhosa, comprometimento com o trabalho*" Em relação a outras empresas, que buscam localização estratégica devido disponibilidade de matéria prima, mão-de-obra, facilidade no escoamento da produção, proximidade espaços com maior poderio econômico e centros consumidores, aspectos que favorecem o aumento da produção e concentração de capital, tem-se então uma empresa de pequeno para médio localizada no norte do Rio

⁶ Shima Seiki é uma empresa Japonesa especializada em produção e vendas de máquinas para a indústria têxtil, assim como também de softwares para a programação de peças que são tecidas nos teares eletrônicos, site que segue pode ser encontrado maiores informações. <http://www.shimaseiki.com/company/profile/>

⁷ Produz mercadorias para outras marcas, respeitando as especificações e exigências de cada uma delas. Gaspar, Emidio e Nunes (2014) afirmam que este sistema é caracterizado pela terceirização de serviços e rende alto giro de capital, uma vez no sistema *Private Label*, o processo de terceirização tem início com a produção de mercadorias da marca que contratou serviços, não sendo de responsabilidade da fabricante a comercialização dos produtos.

Grande do Sul, e que tem como estratégia de produção a mão-de-obra. Compreende-se que referente aos demais itens citados acima, a disponibilidade de técnicas e meios para deslocamento de matéria-prima e produção não se caracterizam como motivo que dificulte a venda dos produtos fabricados pela empresa.

Como citado no capítulo 2, Milton Santos em seu livro *Espaço e Método* (2012, b) já falava no termo Meio Técnico científico informacional e este conceito se referindo ao desenvolvimento e avanços tecnológicos presentes no território brasileiro, tendo como exemplo as modificações e incorporações de capitais fixos (rodovias, ferrovias, portos, instalação de indústrias) que geram a necessidade de circulação de informações com mais rapidez, em outras palavras entende-se que a inserção da ciência e dos meios informacionais na modificação e produção do espaço geográfico, sendo esta a fase em que o sistema capitalista tem maior influência sobre a sociedade. Destaca-se que a partir da década de 1970 tem início o período de revolução científica, que para muitos pesquisadores e para a própria sociedade é o começo da Terceira Revolução Industrial, e nas pesquisas de Milton Santos fica explícito que a ciência unida com a técnica passa a ser o elemento central da consolidação da globalização. Maia (2010, p. 04) ao analisar o termo meio-técnico-científico-informacional, compreende que Milton Santos expunha as seguintes ideias;

A relação entre ciência e técnica é no período atual uma relação de interdependência. Materializa-se no espaço constituindo o meio técnico científico-informacional. O desenvolvimento técnico permite hoje a simultaneidade dos lugares e dos tempos. As técnicas hoje compõem um único sistema. Em que pese haja diferenças de forma e intensidade de acordo com os países, todo o sistema técnico atual é interdependente. Isto ele chama de unicidade técnica. Tal unicidade é garantida pela mais valia tornada mundial. (embora a maneira como expresse a questão seja conceitualmente confusa, é, contudo, correta. Seria melhor falar em expansão das relações capitalistas a escala mundial, a mais valia é a essência do modo de produção capitalista, mas a sua existência pressupõe um conjunto de relações sociais que é necessário levar em consideração). O papel dos fluxos de informação na constituição do espaço, o papel do sistema de créditos (bancos) - creditização do espaço.

Neste contexto tem-se a exploração de novos espaços para instalação de indústrias visto que a dinamicidade e facilidade na circulação de informações e demanda por consumo passa a ser maior, aumentando a competitividade e concorrência em grandes centros urbanos, de modo que espaços antes desvalorizados passam a ser vistos como oportunidade de inserção de novos centros industriais visando expandir o desenvolvimento econômico.

Marcolin, durante a entrevista, ao ser questionado sobre o objetivo de criar a fábrica, com tal localização expõe que seu pai, Valdemar Marcolin planejou o que deveria ser feito para satisfazer os clientes, foi necessário realizar pesquisa de mercado, o qual teria aprendido em um curso com a Empresa Oliveti, da Itália, algumas técnicas para fazer essa pesquisa, assim aproveitou esse conhecimento e aplicou em sua realidade, Faversoni afirma que Valdemar "*[...] fez a pesquisa, 'boca a boca', fazia quando viaja a trabalho e coletava os dados, mostrou que era um ambiente que tinha espaço para uma empresa de tear.*"

Tem-se então duas questões pertinentes, a localização da empresa é favorável devido da demanda da população local no período de sua instalação, outro elemento relevante está relacionado com o aumento de técnicas, processo de globalização, ou seja, a influência do sistema capitalista no mercado mundial, nacional e local. Visto que nesta nova fase de crescimento industrial alguns elementos surgem para influenciar o aumento de geração de capitais, como já citado anteriormente, um deles é a abertura do mercado nacional ao mundo, resultando em maior competitividade, havendo aumento de produção, e no caso da Marcolin, a empresa em julho de 1998 começa a trabalhar no sistema *Private Label* com marcas de grife de São Paulo, primeiras empresas que terceirizam serviço são: Siberiam, Moficer, Aramis, Elos. Com significativo aumento de trabalho a indústria passa fazer terceirização de serviços para sua marca a Katze⁸, aumenta a quantidade de clientes expandindo assim sua área de influência econômica.

Nos dados apresentados na Tabela 4, percebe-se a participação da empresa Marcolin no sistema de redes, observa-se a origem da matéria prima para fabricação das peças de tricot, no figura 3, é possível observar os dados tabelados, constata-se que a origem da matéria prima principal, fios de tear, são produzidos e comprados de empresas de grande porte por vezes de multinacionais como, por exemplo, a Paramount Têxtil. Paralelamente a isto se percebe o complexo territorial econômico existente e forma de organização em redes de distribuição de matéria prima. Como discutido ao longo do trabalho, com maior inserção tecnológica, o território passa a estar dotado de especificidades, Santos (2012b, p. 56-57) ao falar da fase atual do espaço produtivo, colabora afirmando que hoje devido desenvolvimento dos transportes, boa parte do comércio pode realizado em direção a grandes centros urbanos industrializados, “[...] aumentando a quantidade de capitais fixos

⁸ Katze surgiu com o intuito da Empresa Marcolin ter produtos consideradas linha de grife, mantendo as lojas e indústrias nominadas como Marcolin, e sua marca de produto como Katze, com foco em produção de vestuário de inverno.

envolvidos na produção.” É perceptível que as relações se entrelaçam e confundem, conduzindo ao aumento de capitais e também de fluxos e fixos, Santos (2012b, p. 56-57) ainda expõe que.

[...] na fase atual, todos os espaços são espaços de produção e de consumo e a economia industrial (ou pós-industrial?) ocupa praticamente todo o espaço produtivo urbano ou rural. Por outro lado, atingindo um novo patamar da divisão internacional do trabalho todos os lugares dela participam, seja pela produção, seja pelo consumo.

Destaca-se ainda nesse contexto Raffestin (1993) o qual trata de redes e o poder, afirmando que a circulação e comunicação estão atreladas, sendo estas a estratégia de determinados grupos sociais para deter o poder, assim, no decorrer de sua obra o autor também expõe que

A rede faz e desfaz as prisões do espaço, tomado território: tanto libera como aprisiona. É o porquê de ela ser o ‘instrumento’ por excelência do poder. Circulação e comunicação procedem de estratégias e estão a serviço delas. Redes de circulação e comunicação contribuem para modelar o quadro espaço-temporal que é todo território. Essas redes são inseparáveis dos modos de produção dos quais asseguram a mobilidade. (RAFFESTIN, 1993, p.204)

Também, Milton Santos, (2012b) apresenta uma análise do termo, explicando que não se trata apenas da capacidade de troca e de conexões de informações, indo muito além. Para o autor a rede pode ser também social e política, pode ocorrer pela comunicação, por mensagens, quando física pelo transporte de materiais, ou até mesmo de energia. O mundo em um contexto geral está conectado, como existem setores, espaços e regiões que dependem umas das outras para sua manutenção e sobrevivência.

Tabela 4: Origem da matéria prima utilizada na Indústria Têxtil Marcolin

| Empresa | Cidade | Estado |
|--|--|--|
| Kurashiki Do Brasil Têxtil Ltda | Sapucaia do Sul Ponta Grossa São Paulo | Rio Grande do Sul Paraná São Paulo |
| Paramount Têxteis → Lansul | Santa Isabel | São Paulo |
| Fides Fiação e Malharia | Jundiaí | São Paulo |
| Palácio das Lãs | Farroupilha | Rio Grande do Sul |
| Fios Amparo: Minasa Trading International | Amparo | São Paulo |
| Acrilan | Timbó | Santa Catarina |

Fonte: Tabela construída através da entrevista realizada com André Marcolin, 2016.

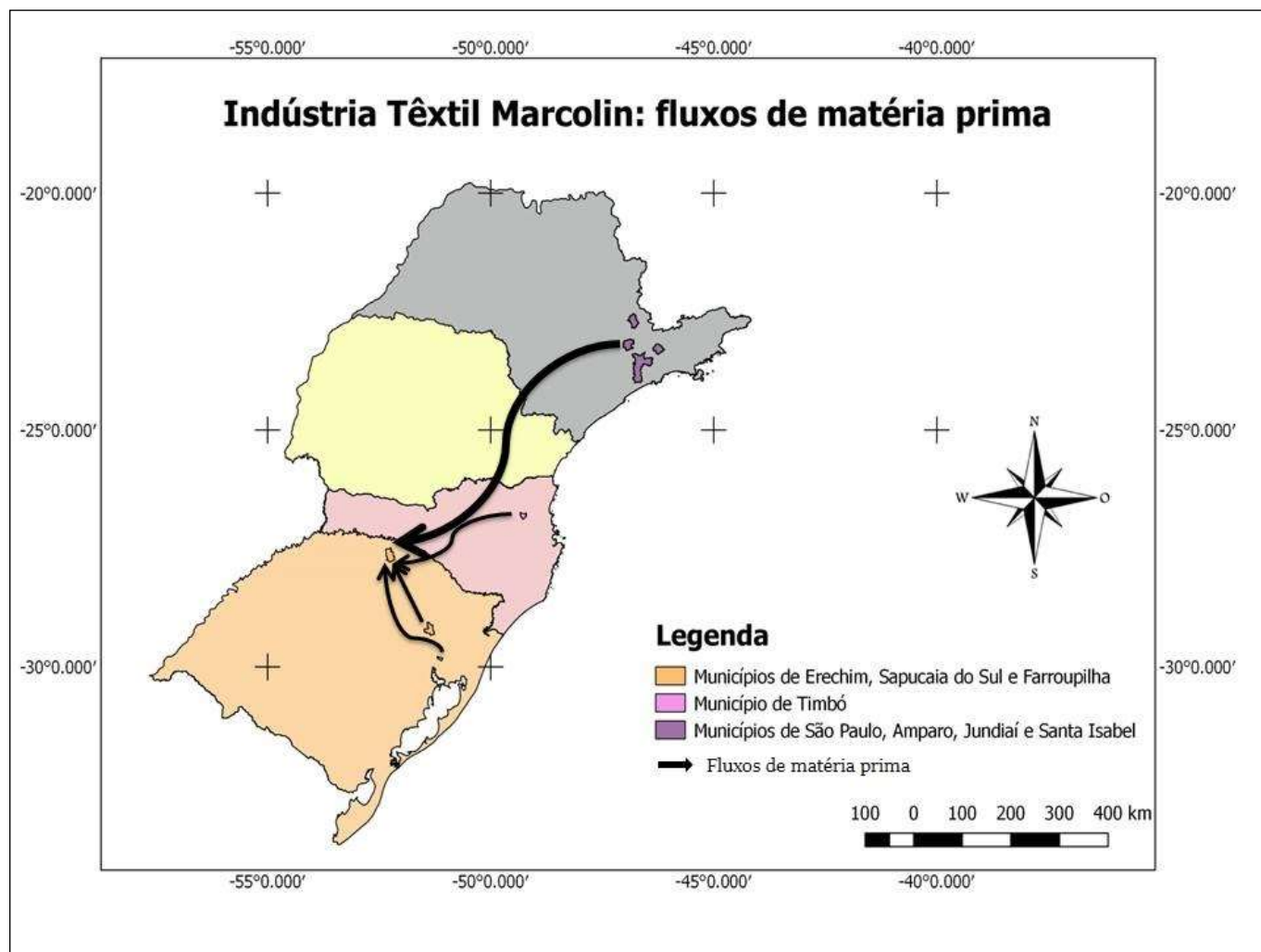


Figura 3: Origem da matéria prima utilizada na Indústria Têxtil Marcolin
Fonte: a autora, maio 2016

Após abordar a origem da matéria prima principal utilizada na Indústria Têxtil Marcolin, aborda-se a questão da circulação da produção final e o envolvimento da empresa em um circuito de redes. Abaixo é apresentada a Tabela 5, na qual é identificadas clientes, cidade e estado de destino da produção, assim como também o figura 4, traz essas informações que podem ser visualizadas.

De acordo com tabela, percebe-se que a Empresa Marcolin possui alcance nacional, e influência regional e nacional, destaca-se que fatores que possibilitam maior alcance de mercados consumidores estão atrelados ao desenvolvimento do meio técnico, ao que Santos (2012, p.60, b) corrobora afirmando que o mesmo;

[...] conduziu ao um processo cuja primeira extremidade era representada pela confusão geográfica entre a produção, a circulação e o consumo, nas primeiras fases da história humana. Na outra extremidade, essas quatro instâncias da produção estão geograficamente dissociadas e aparentemente desarticuladas. É a fase atual.

Tem-se portanto, o aumento da circulação de capitais, a terceirização de serviços passa ser cada vez mais ampla e acelerada, e nesse contexto que a Marcolin se insere, sendo uma empresa que trabalha no Sistema *Private Label*, produzindo peças conforme exigências de seus clientes. Conforme Santos (2012, b) o período técnico científico contribuiu para acelerar a circulação de pessoas e bens, e empresas multinacionais, cada vez mais produzem seus produtos em outros países, aumentando a necessidade de haver mais importações e exportações.

Ao analisar o outro lado deste modelo de desenvolvimento tem-se também a que a questão da terceirização na maioria dos casos, representa um padrão de diminuição de salários e benefícios, tendo em vista aos oferecidos pela empresa mãe (àquela que terceiriza) acirrando a precarização do trabalho e a perda gradativa de direitos, além da redução salarial, queda nas condições de saúde, salubridade e segurança, além do enfraquecimento da organização sindical. (ALVES, 2005)

Alves (2005) faz uma reflexão pertinente quando fala que a instabilidade do mercado de trabalho e diminuição dos postos de trabalho favorece a visão neoliberalista de terceirização. Isto é, quanto mais ameaçada estiver a empregabilidade do colaborador, e quanto menos vagas existirem no mercado, existe maior possibilidade deste funcionário aceitar quaisquer condições para se manter trabalhando. O autor chama essa situação de

“captura e manipulação da subjetividade operária”. Utilizar a instabilidade no trabalho, sendo o mercado de trabalho cada vez mais seletivo na sociedade capitalista, é uma forma de garantir o controle do trabalhador e reduzir seus direitos sociais e trabalhistas. É a partir desta realidade, que engloba formas de coerção ao trabalhador, que garante-se uma maior estabilidade das classes dominantes no poder.

Tabela 5: principais fluxos de escoamento da produção.

| Empresa/ Instituição | Cidade | Estado |
|---|---------------|-------------------|
| A Mulher do Padre | São Paulo | São Paulo |
| Escola de Educação Infantil Maria Fumaça | Erechim | Rio Grande do Sul |
| Colégio São José | Erechim | Rio Grande do Sul |
| Acics | São Paulo | São Paulo |
| M Officer | Osasco | São Paulo |
| J Canedo | Brusque | Santa Catarina |
| Unimed | Erechim | Rio Grande do Sul |
| Side Walk | São Paulo | São Paulo |
| Urban Man | Florianópolis | Santa Catarina |
| Adjiman | São Paulo | São Paulo |
| Vila Romana | Osasco | São Paulo |
| Spezatto | São Paulo | São Paulo |
| Maria Valentina | Cianorte | Paraná |
| Jhon Jhon | São Paulo | São Paulo |

Fonte: Tabela desenvolvida com base em informações prestadas pela Indústria Têxtil Marcolin.

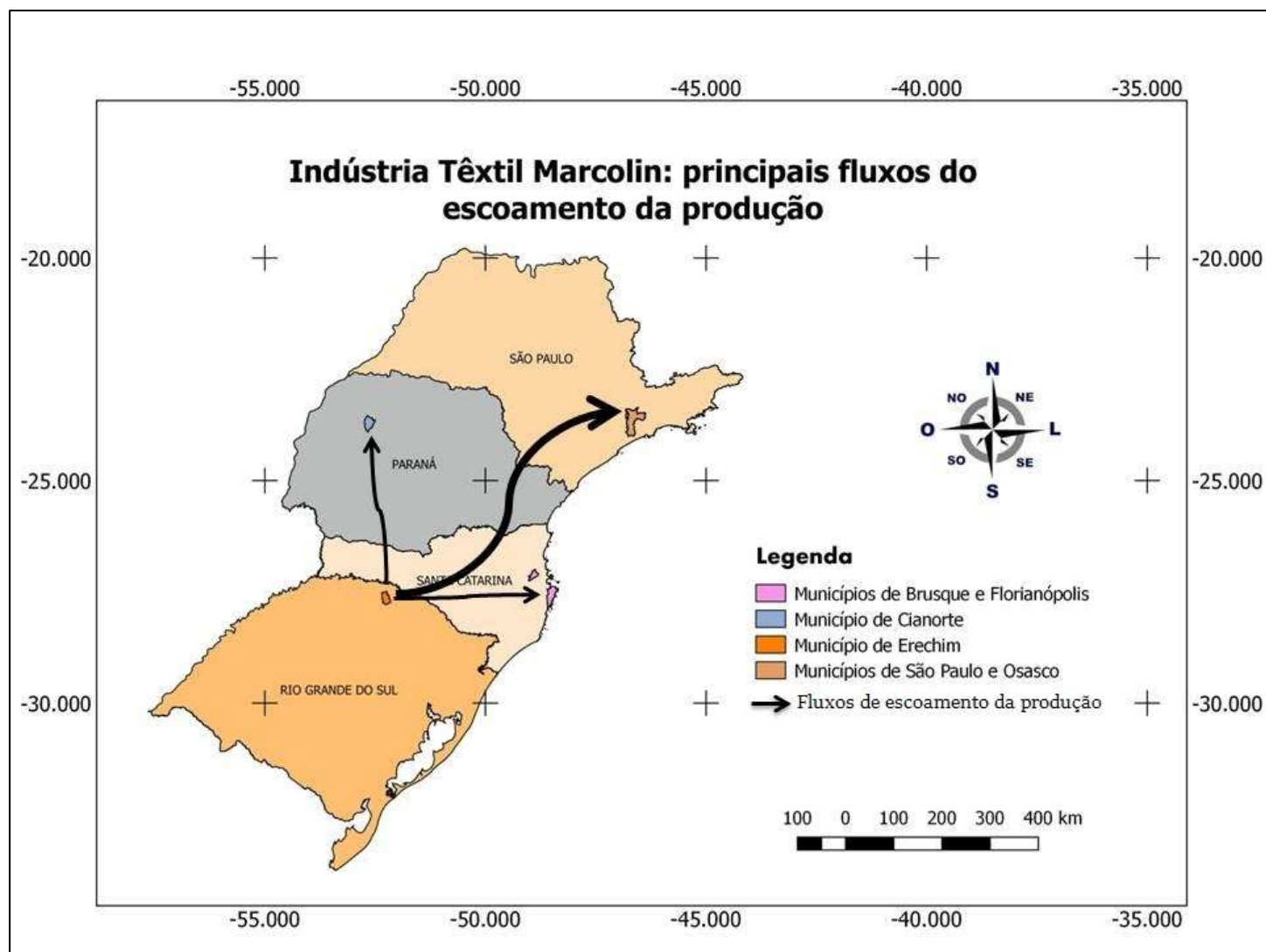


Figura 4: Indústria Têxtil Marcolin: principais fluxos do escoamento da produção.
Fonte: a autora, maio 2016.

Outro aspecto relevante para que a indústria obtenha mais alcance no mercado é sua organização em arranjos produtivos e sindicatos do vestuário, estes elementos permitem maior alcance e divulgação de seus produtos. Neste quesito que se discute a questão de desenvolvimento local, o qual como proposto por Endlich (2007) pressupõe áreas de especialização produtiva, ou seja, um sistema em que o processo de desenvolvimento seja autônomo, em que se pretende não ter muita dependência do exterior, e sim fazer uso das potencialidades locais, o autor, destaca que "O 'enraizamento' local das empresas é outro elemento importante. Isso se deve ao maior protagonismo da sociedade local, com vistas a potencializar seus recursos e estar de maneira competitiva no contexto econômico atual." (p.11) Ou seja, no desenvolvimento local, é preciso levar em conta questões de articulação produtiva de modo a aproveitar os recursos endógenos.

As empresas tem se articulado em cadeias produtivas, formando redes de produção, envolvendo assim fornecedores, clientes, funcionários e sociedade externa, assim de acordo com a qualidade do próprio agrupamento na forma de redes dentro do espaço geográfico será a capacidade impulsionar e expandir o desenvolvimento e as próprias unidades produtivas.

Albuquerque e Zapata (2004, p. 222) trazem a seguinte contribuição ao tratar da articulação das empresas:

A maioria do tecido de empresas existentes nos sistemas/arranjos produtivos locais é composta por micro e pequenas empresas. Por isso é importante assegurar o acesso ao crédito, sobretudo para operações a médio e longo prazo, assim como o assessoramento financeiro para a elaboração de projetos de investimento. Neste sentido, é fundamental construir parcerias com instituições financeiras locais, a fim de comprometê-las com a demarcação de iniciativas de desenvolvimento. Da mesma forma, é crucial a existência de um marco fiscal favorável às micro e pequenas empresas.

Assim, compreende-se que é relevante entender que o desenvolvimento local ocorre vinculado a objetivos econômicos e também sociais, com ênfase, sobretudo no primeiro, por isso é importante que nos arranjos produtivos locais haja constante inovação, fomento a promoção e geração de empregos e aumento da capacidade industrial.

Esse sistema de desenvolvimento local, com base em APLs - Arranjos Produtivos Locais compreende-se, com base em Endlich (2007), que está vinculada a questão do

acirramento do próprio sistema de industrialização e capitalismo mundial, em que modelos de desenvolvimento mundial têm sido refletidos na economia local, assim, promover um desenvolvimento local com base em recursos e políticas endógenas é relevante na questão de valorização local. A questão do desenvolvimento local vem como reflexo de "[...] respostas da sociedade ou de alguns agentes; diante das dificuldades e desafios econômicos [...], como resposta ou como adaptação ao processo de reestruturação econômica" (ENDLICH, 2007, p. 10). Nesse contexto de formação de áreas especializadas, as áreas produtivas do território pressupõe um processo fabril coeso,

É preciso, portanto, notar que o processo de coesão pode se verificar simultaneamente com os processos de centralização e descentralização, gerando o aparecimento de áreas especializadas dentro do espaço urbano, tornando assim sua organização mais complexa. Como modo através do qual a relação custo benefício tende a favorecer a reprodução do capital, o processo de coesão insere-se na linha da acumulação (CORRÊA, 20005, p.130-131).

Compreende-se que a especialização produtiva de determinadas áreas do território, colabora para que haja maior articulação entre redes econômicas locais e até global, pode-se afirmar que o movimento industrial possui formas e funções que são incorporadas no território das cidades se re-configurando por conta da ordem mundial que vivenciamos, sendo portando a indústria o elemento central que modela as dinâmicas, funções e formas urbanas. Segundo Fuini (2013, p. 62)

As aglomerações produtivas e APLs se manifestam como territorialidades de forte conotação econômica e histórico-cultural. Assim, podem constituir territórios locais conforme adquiram poder de controlar recursos e fluxos e de se apropriarem de recortes espaciais municipais e intermunicipais afim de concretizarem seus objetivos de conquista de poder econômico e político. A articulação com os poderes públicos municipais e estaduais reforçam esse projeto de controle territorial.

Os investimentos em infraestruturas ocasionam distorções geográficas e também desenvolvimento geográfico desigual, gerando assim contradições que atenuam a desigualdade do desenvolvimento geográfico tanto em dimensão política como em econômica, portanto o usuário destas relações (comprador, vendedor, empresas) ficam presos a motivações, interesses, valores e necessidades de uso do espaço.

Santos e Silveira (2001) afirmam que os espaços da globalização são constituídos pela instalação de empresas exigentes para acumulação de atividades que visam uma economia em larga escala, no contexto de APLs, associa-se ao termo “especializações alienígenas e alienadas”, pois segundo os autores são áreas que concentram atividades semelhantes uma da outra, passando a constituir um local de atração para outras empresas virem a se instalar, e também alienadas por conta do desenvolvimento que estão atreladas e dependerem de outros consumidores externos, tem-se portanto um desenvolvimento territorializado, o qual é dependente das técnicas e organização de empresas privadas, podendo acarretar no desenvolvimento local ou também em exploração social em prol da produção econômica capitalista.

4.1 INDÚSTRIA TÊXTIL MARCOLIN NO APL POLO VEST

Vinculado com questões de redes, discute-se aglomerações produtivas, ou também chamadas de Arranjos Produtivos Locais (APLs), o qual se caracteriza como uma organização produtiva de determinados setores empresariais. Assim, neste capítulo aborda-se em específico o APL Polo Vest do Rio Grande do Sul no qual está vinculada a Indústria Têxtil Marcolin como estratégia de obter maior alcance no mercado consumidor.

Destaca-se que a empresa Marcolin Indústria Têxtil é associada ao Sindicato das Indústrias do Vestuário do Alto Uruguai (SINDIVEST - Sindicato Patronal). Assim, assinou um termo de participação do APL Polo Vest, o mesmo foi reconhecido através da Lei Estadual nº 13.839 de 05 de dezembro de 2011, que criou o Programa de Fortalecimento das Cadeias e Arranjos Produtivos Locais, e do Decreto 48.936, assim no ano de 2013 o Núcleo Estadual de Ações Transversais (NEAT) outorgou o pedido de reconhecimento do APL Polovest por meio da Resolução do NEAT nº 04/2013.

De acordo com a Agência Gaúcha de Desenvolvimento e Promoção do Investimento,

O Programa de Fortalecimento das Cadeias e Arranjos Produtivos Locais (APLs) é uma política pública de Estado para estimular e apoiar a auto-organização produtiva de aglomerações setoriais e para promover o desenvolvimento dos territórios. Por meio da cooperação entre empresas, produtores, comunidades e instituições públicas e privadas busca-se ganhos

econômicos que aumentem a eficiência produtiva e a renda de empresas, produtores e trabalhadores, refletindo no desenvolvimento da sociedade⁹.

Atualmente a empresa Marcolin conta com atuação direta 87 funcionários, oriundos da cidade de Erechim e também pessoas de municípios próximos. Referente a presença de empresas no ramo têxtil em Erechim, constata-se que não é possível afirmar um número correto de estabelecimentos, mas de acordo com os relatórios disponibilizados pela FIERGS (Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul) são 120 empresas estabelecidas na região do Alto Uruguai e destas, 72 em Erechim e 19 associadas ao Sindicato das Indústrias do Vestuário e do Calçado do Nordeste Gaúcho (SINDIVEST).

Denota-se que existe marcante relação da Marcolin com demais entidades do circuito econômico da região norte do Rio Grande do Sul, principalmente na área do Conselho Regional de Desenvolvimento (COREDES) Norte, participação no Sindicato das Indústrias do Vestuário do Alto Uruguai (SINDIVEST), com fundação em 24 de novembro de 2005, criada com o objetivo de "[...] defender os direitos individuais e coletivos da categoria econômica das indústrias do vestuário e similares [...]". Nesse contexto já se identifica previamente a articulação em rede da empresa visando seu desenvolvimento econômico.

Conforme tabela 6, fazem parte do SINDIVEST os seguintes municípios:

⁹ Informação disponível em: < <http://www.agdi.rs.gov.br/?model=conteudo&menu=898> > Acesso em 19 nov.2015.

Tabela 6: Municípios pertencentes ao SINDIVEST.

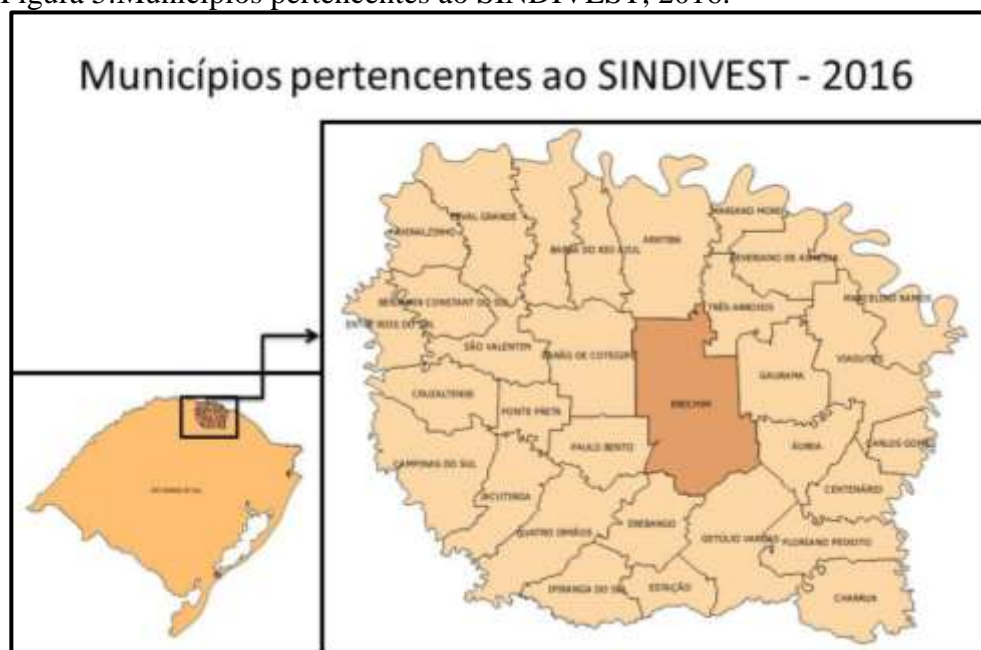
| | |
|-------------------|--------------------------|
| Erechim | Aratiba |
| Barra do Rio Azul | Benjamim Constant do Sul |
| Campinas do Sul | Carlos Gomes |
| Centenário | Charrua |
| Cruzaltense | Entre Rios do Sul |
| Erebango | Erval Grande |
| Estação | Itatiba do Sul |
| Faxinalzinho | Floriano Peixoto |
| Gaurama | Getúlio Vargas |
| Ipiranga do Sul | Jacutinga |
| Itatiba do Sul | Marcelino Ramos |
| Mariano Moro | Paulo Bento |
| Ponte Preta | Quatro Irmãos |
| São Valentin | Severiano de Almeida |
| Três Arroios | Viadutos |
| Barão de Cotegipe | Áurea |

Fonte: Informação disponível em material disponibilizado pela Empresa Marcolin, referente a Informativa de prospecção de associados.

Os municípios tabelados acima estão identificados na figura 5, no mesmo é possível identificar a centralidade do município de Erechim, onde ali se encontram centros administrativos de maior importância dos municípios ao seu entorno.

A atual diretoria (2013-2015), do SINDIVEST é representado pelo presidente André Favarsani Marcolin da Indústria Têxtil Marcolin e vice-presidente João Carlos Andrade da Empresa Confecções J.C.A e JC Andrades.

Figura 5: Municípios pertencentes ao SINDIVEST, 2016.



Elaboração: Silvana Pires de Matos, maio 2016.

A Marcolin se encontra articulada no Arranjo produtivo Local, que corresponde á região delimitada pelo Conselho Regional de Desenvolvimento (COREDES- Norte do RS) no documento Informativo de Prospecção de Associados, a secretária executiva Flaviane Gaidarji expõe que:

Uma variável importante que caracteriza o arranjo é o fato deste estar se constituindo nos últimos anos e tomando medidas como a de estabelecer sua governança, e demonstrando que o mesmo dispõe de uma trajetória e um aprendizado, além da vontade de se constituir enquanto tal. Ou seja, o APL reúne as pré-condições necessárias para o seu estabelecimento. Outra variável importante é a gama de instituições que apostam na sua estruturação considerando a sua importância para o desenvolvimento regional. Tal fato é crucial para o arranjo, pois sem instituições que façam parte e que nele invistam não existe arranjo produtivo. (s/p)

É nesse contexto de organização comercial do ramo têxtil que se visualiza organização em redes visando um fortalecimento deste tipo de comércio e se inserindo em espaços ainda não explorados, como em municípios que não apresentam forte desenvolvimento econômico no setor da industrial. Assim a Marcolin, se caracteriza como uma empresa que visa se inserir em novos espaços de comércio, agregando para si maior fortalecimento econômico, visando expandir a importância de sua marca na microrregião de Erechim, mais precisamente na área de abrangência do APL Polovest.

De acordo com Suzigan (2008, p.03) APLs são;

Um sistema localizado de agentes econômicos, políticos e sociais ligados a um mesmo setor ou atividade econômica, que possuem vínculos produtivos e institucionais entre si, de modo a proporcionar aos produtores um conjunto de benefícios relacionados com a aglomeração das empresas. Configura-se um sistema complexo em que operam diversos subsistemas de produção, logística e distribuição, comercialização, desenvolvimento tecnológico (P&D, laboratórios de pesquisa, centros de prestação de serviços tecnológicos) e onde os fatores econômicos, sociais e institucionais estão fortemente entrelaçados.

De maneira geral, um APL possui características distintas, possuindo capacidade de ingressar no mercado competitivo com seus produtos locais, agregando determinado contingente de mão-de-obra especializada, atração de fornecedores de matéria prima, e serviços, possuindo laços indústrias, políticos e culturais, agregando valor a economia local fazendo uso dos recursos endógenos. Trata-se de uma ferramenta industrial política em

busca do desenvolvimento econômico e territorial de determinados espaços, sendo portanto economias de aglomeração que explora potencialidades locais e regionais.

Porter (1990;1998a *apud* SUZIGAN, 2008, p.07-08) aborda quatro fatores que influenciam no desenvolvimento da economia local, sendo:

1→ produção (trabalho qualificado, custos, capital, oferta, capital, matérias primas, tecnologias...);

2→ demanda (consumo, bens e serviços);

3→ fornecedores presentes no local;

4→ competição entre empresas locais

É relevante lembrar que além desses elementos, questões de decisões políticas também influenciam diretamente no desenvolvimento local de um APL, que Suzigan (2008, p. 14) afirma que;

[...] do ponto de vista de políticas de desenvolvimento local, ou mesmo regional, com elementos de políticas industriais, as aglomerações geográficas e setoriais de empresas vêm crescentemente sendo objeto de políticas públicas. Por meio da coordenação de ações entre os agentes privados, as ações de políticas visam melhorar as condições locais para o crescimento das empresas, incentivo a investimentos, desenvolvimento tecnológico, aumento de exportações e, sobretudo, aumento do emprego e da renda local ou regional.

É fundamental assegurar que um APL se caracteriza por ter características e especialização iguais de desenvolvimento de um determinado ramo da indústria, assim o APL Polo Vest se configura por ser um arranjo com desenvolvimento no setor do vestuário, aprimorando suas tecnologias e ingresso no mercado consumidor, formando assim uma aglomeração industrial, a qual se organiza estrategicamente para aumentar sua área de influência e receber maiores incentivos de políticas públicas para seu desenvolvimento. Fuini (2013, p. 67) expõe que;

As vantagens competitivas locacionais, ou competitividade territorial em aglomerados e APLs, decorrem, segundo Porter (1999), de três grandes aspectos: aumento da produtividade das empresas ou setores componentes; fortalecimento da capacidade de inovação devido à elevação da

produtividade; e estímulo à formação de novas empresas, que reforçam a inovação e ampliam do aglomerado.

Portanto, a organização em APLs favorece as indústrias e comércios locais, aumentando o faturamento das empresas e promovendo o aumento da circulação de capital financeiro no município e região que atuam. Alguns pesquisadores propõe que a inovação tecnológica tem forte influência no desenvolvimento de APLs, aumentando capacidade de produção e distribuição de produtos.

Para tanto, também é necessário refletir sobre a existência de apologia referente ao desenvolvimento local em relação a redes globais, a possíveis fragilidades desse modo de organização econômica, podendo ser entendido que os mesmos por ser pequenos arranjos são explorados por organizações econômicas de níveis maiores. Outro elemento a ser considerado, é a crítica que recebe por alguns pesquisadores de que nessas organizações existem interesses privados, principalmente se for áreas que possuem especialização produtiva de larga importância.

4.2 MARCOLIN: articulação em redes de produção

A partir do embasamento teórico desenvolvido no trabalho e pesquisa de campo, denota-se a influência do sistema capitalista, globalização e organização em redes na economia local, as redes além de ser um conceito geográfico, é um elemento se que concretiza na vida de todos os cidadãos, para além das redes sociais tem-se as redes econômicas, de produção, distribuição de matéria prima e distribuição de produtos, bens e serviços. As redes são uma forma de organização da social, em que os próprios elementos da sociedade estão imbricados quando se fala em uma totalidade do espaço, sua complexidade e transformações.

A sociedade mundial passou por várias fases e formas de organização econômica e social, contudo o modo capitalista exerceu profundas mudanças no modelo de organização econômica global. Santos (2012, p.38) apresenta as fases do desenvolvimento econômico capitalista, iniciando em 1620 no período do comércio em larga escala, após 1620 à 1750, o período manufatureiro, 1750 à 1870, período da Revolução Industrial, 1870 à 1945, período industrial e atualmente o período tecnológico, percebe-se a existência de uma organização

territorial e econômica, em que o espaço está em constante transformação por meio de novas estruturas e sistemas espaciais.

Um ponto de discussão importante é que o sistema produtivo está diretamente influenciado com o lugar e condições que ele oferece, no caso da Indústria Têxtil Marcolin, tem-se que a mesma faz parte de arranjo especializado com necessidade de aumentar sua rentabilidade do capital, conduzindo ao movimento de capitais fixos e de fluxos. A empresa faz parte de um território que é dotado de especificidades, realizando negociações diretamente com áreas produtivas de outras regiões do país sem a necessidade de estar presente com sua indústria nos grandes centros urbanos, visto que a produção, circulação e consumo estão diretamente ligados umas as outras.

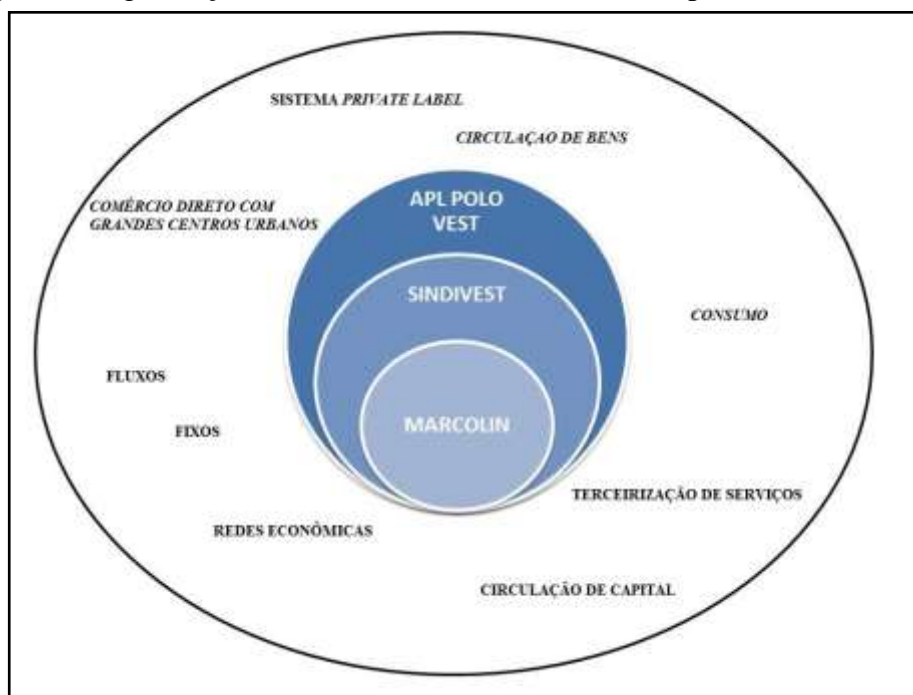
Santos (2012b, p.25) ressalta que,

É na medida em que a economia se complica que as relações entre as variáveis se dão, não apenas localmente, mas em escalas espaciais cada vez mais amplas. O mais pequeno lugar, na mais distante fração do território, tem, hoje, relações diretas ou indiretas com outros lugares de onde lhe vêm a matéria-prima, capital, mão-de-obra, recursos diversos e ordens.

As alterações da sociedade e do espaço, a dispersão de inovações, a industrialização, urbanização e tecnologias, são elementos essenciais para o desenvolvimento e acirramento do mercado produtivo e competitivo.

Assim, na figura 6 pode ser visualizado alguns elementos que convergem para o resultado final desta pesquisa, os quais resultam do embasamento teórico.

Figura 6: Organização da Indústria Marcolin no sistema produtivo local.



Fonte: a autora, maio 2016.

A partir da representação acima, um fator que interessa é a forma de organização da Indústria Marcolin no espaço, a qual se articula em escala local com o SINDIVEST e APL Polo Vest, sendo que essa articulação colabora para sua inserção no sistema económico nacional através de compra de matéria prima e venda de produto final. A circulação, produção e consumo se entrelaçam e confundem no complexo arranjo produtivo, e nesse contexto que Santos (2012, p.28) escreve que o espaço está mudando constantemente por influência de fatores externos e internos, em que se tem a modernização de modelos de consumo, dispersão de informações e principalmente forte influência de países hegemônicos.

Conforme foi proposto por esta pesquisa, ao analisar a inserção da Indústria Têxtil Marcolin no contexto regional e nacional e sua influência em ambos, denota-se que a mesma tem grande alcance na venda de seus produtos finais, agrega em sua cadeia produtiva a transformação da matéria prima, seu beneficiamento e agregação de valor através da comercialização dos produtos finais, os quais tem alcance nacional. Pode-se ser afirmado que o circuito de produção na qual a empresa está inserida envolve desde o suprimento de matérias primas (fornecedores), a produção, ou seja, a transformação em produto final

através da mão de obra fabril, e por fim a distribuição dos produtos para clientes compradores.

Corroborando com esta concepção Silva e Silva (2011, p.05) afirmam que;

A superposição de escalas local/global na lógica industrial de produção do território é uma premissa indirimível da compreensão das dinâmicas territoriais. Haja vista, a correlação das atividades produtivas com os fatores de localização, tais como matéria prima, mercado consumidor, gestão de capital e destino final da produção.

Tal superposição industrial é resultando do processo de globalização que produz diversas possibilidades de relações sociais, as quais são decorrentes da complexidade que passa a existir no território, neste contexto que temos a descentralização da produção industrial e criação de novos centros de especialização produtiva, que vem a alterar posicionamentos sociais e políticos sobre o uso de espaços urbanos, e conseqüentemente sobre as relações econômicas e territoriais, definindo portanto uma nova estrutura para locais com maior importância econômica. (SPOSITO, 2009, p. 209)

Santos (1996, p. 229) contribui com esta análise expondo que;

O interesse das grandes empresas é economizar tempo, aumentando a velocidade da circulação. O interesse das comunidades locais e até mesmo das menores empresas (por exemplo, os comércios locais) frequentemente é o oposto. As regulamentações de uso da via pública respondem a esse conflito, seja harmonizando interesses, seja privilegiando este ou aquele.

E é nesse contexto local que pequenas empresas se integram coletivamente num espaço de conflitos e solidário, no qual há transformações espaciais em que os objetos passam a se adaptar ao local, isso em decorrência da modernização contemporânea, em que todos espaços se mundializam, havendo “[...] lugares globais simples e lugares globais complexos.” (SANTOS, 1996)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa tinha por objetivo responder ao questionamento: como a Indústria Têxtil Marcolin está inserida em uma lógica de mercado e como vincula-se em um circuito espacial de produção regional e nacional, refletindo sobre a influência e organização por meio de redes econômicas produtivas, e compreender o que são as APLs para tanto compreende-se que o embasamento teórico realizado contribuiu efetivamente para alcançar o objetivo proposto. Ficou evidente durante a realização do trabalho, como o sistema capitalista e desenvolvimento de tecnologias atrelados a globalização influenciam diretamente na organização produtiva local, de modo que a mesma articule e tenha estratégias de mercado competitivas para se manter nesse sistema.

É relevante compreender que a atualidade é reflexo de todos os eventos históricos que ocorreu, Milton Santos afirmava em suas palestras que todas as formas de organização produtiva e de mercado que existiu de algum modo todas sempre tiveram seu lado perverso.

Quanto a Indústria Têxtil Marcolin, compreende-se que a mesma, sendo de pequeno médio porte, possui importante área de influência na venda de seus produtos, também se encontra articulada com o modelo produtivo mundial, o qual é fragmentado, trabalha na lógica de terceirização de serviços, e especialização de áreas produtivas. Ou seja, a empresa não necessita ter sua infraestrutura em um grande centro urbano, pois a lógica de deslocamento de produção e de matéria prima facilita sua permanência na cidade de Erechim, a qual estrategicamente também se localiza em tal espaço pela disponibilidade de mão-de-obra qualificada. Tal empresa se articula também através do APL Polo Vest, com objetivo de obter novos mercados consumidores, ampliando sua área de influência.

É perceptível a articulação em redes desta empresa, com influência nos três estados do Sul do país e também no estado de São Paulo, que como nos dizia Milton Santos, a nova forma que a sociedade se organiza em tempos de globalização está vinculada ao desenvolvimento tecnológico que passou a facilitar circulação de informações, mão de obra, dinheiro matéria prima e produtos já industrializados, não se limitando a um único território, mas estendendo seu alcance vindo a conectar distintas realidades, integrando assim mercados produtivos.

É relevante destacar que no âmbito das redes, as mesmas são advindas com maior força das transformações tecnológicas e de comunicação, possibilitando nova organização

geográfica, conectando mercados produtores, consumidores, modelos econômicos mundiais entre outros elementos da sociedade capitalista. No entanto, tem-se as redes econômicas e de produção controladas por atores hegemônicos, os quais visam controlar a fluidez do espaço, ou seja, as empresas multinacionais, como afirma Milton Santos em suas obras, são “motor único” que ordenam o espaço industrial mundial.

É visto, portanto, no decorrer desta pesquisa que o espaço geográfico é dotado de inúmeras relações sociais, políticas e econômicas, tornando complexo compreender críticas e organização das mesmas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBURQUERQUE, F; ZAPATA. T. A importância da estratégia de desenvolvimento local/territorial no Brasil. In: Políticas para o desenvolvimento local, DOWBOR,L; POCHMANN, M. (orgs). 2004.

ALVES, G. **O novo (e precário) mundo do trabalho. Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

ARRIGHI, Giovanni; O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Tradução Vera Ribeiro; revisão de Cesar Benjamin. Rio de Janeiro: São Paulo: EditoraUNESP,1996, 408p.

BRAGA; R.M. Território, rede e multiterritorialidade: Uma abordagem conceitual a partir das corporações. BeloHorizonte, Julho-dezembro de 2010.p. 26-36

CASTRO JÚNIOR, R.C. SILVA, P.F.C. **TERCEIRIZAÇÃO E PRECARIZAÇÃO LABORAL: Análise das relações de trabalho e das reformas no aparelho estatal brasileiro no governo FHC (1995-2002).** V Jornada de Internacional de Políticas Públicas, 2011.

CORRÊA, R. L., Trajetórias geográficas. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CORRÊA, R.L. Redes Geográficas: reflexões sobre um tema persistente. Cidades; v.9; n.16. 2012, p.199-218. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/viewFile/2378/2122>> Acesso em 24 fev. 2016.

CRUZ S.C.V; SENNES R;O Brasil no mundo: conjecturas e cenários. ESTUDOS AVANÇADOS 2006, p.29-42. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n56/28625.pdf> Acesso em 27 set.2015

CUSTÓDIO,K.A.G.R. Abertura de mercado como fator de desenvolvimento: o caso brasileiro. Cadernos do UNICEN, v.2;n,2; Jul/Dez 1998

DRUCK, M. G. **Terceirização: (des)fordizando a fábrica. Um estudo complexo petroquímico.** São Paulo: Boitempo, 2001.

DUMÊNIL, G. LÉVY, D. Neoliberalismo – Neo-imperialismo. Economia e Sociedade, Campinas, v. 16, n. 1 (29), p. 1-19, abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ecos/v16n1/a01v16n1>> Acesso em 19 maio 2016.

ENDLICH, A.M. Novos referenciais de desenvolvimento e planejamento territorial: possibilidades para pequenas cidades? Redes, Santa Cruz do Sul, v.12, n. 5, p.5-35, maio/ago.2007.

FEGHALI, J. **Terceirização, a última fronteira do Neoliberalismo.** 2013, disponível em: <<http://www.ocafezinho.com/2013/08/28/terceirizacao-a-ultima-fronteira-do-neoliberalismo/>> Acesso em 06, ago. 2016.

FUINI, L. L; Os arranjos produtivos locais (APLs): uma breve explanação sobre o tema. GeoTextos, vol. 9, n. 2, dez. 2013. 57-83.

GASPAR, H.A; EMIDIO,L.F.B; NUNES,V. A.V. Gestão de Design: Contribuições no desenvolvimento de produtos em empresas de Privat Label, segmento Jeanswear. Blucher Design Proceedings, nov. 2014, Número 4, Volume 1

GEIGER, Pedro. Mapa do mundo pós-moderno. In.: SANTOS, Milton et. all (Orgs.). **O novo mapa do mundo: fim de século e globalização**. São Paulo: HUCITEC, 1993. p.103-118.

JORGE, H.R. **Terceirizar, flexibilizar, precarizar : um estudo crítico sobre a terceirização do trabalho**. Dissertação, UNICAMP: Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2011.

NASCIMENTO, P.R.L. A Inserção Internacional do Brasil e os Novos Desafios à Política de Defesa Nacional. Disponível em: <<http://www.eceme.ensino.ub.br/meiramattos/index.php/RMM/article/viewFile/37/62>> Acesso em 29 set.2015.

OLIVEIRA, A.U. de. A mundialização do Capitalismo e a geopolítica mundial no fim do século XX. In: Geografia do Brasil, ROSS, J.L.S.(org) São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 5 ed, 2008.

OLIVEIRA, Susan Elizabeth Martins Cesar de. Cadeias globais de valor e os novos padrões de comércio internacional : estratégias de inserção de Brasil e Canadá / Susan Elizabeth Martins Cesar de Oliveira. – Brasília : FUNAG, 2015.

ORTIGOZA, S.A.G; CORTEZ, A.T.C. Orgs. Da produção ao consumo: impactos socioambientais no espaço urbano [online] São Paulo: Editora UNESP, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, 146. Disponível em: <<http://books.scielo.org>> Acesso em 16 maio 2016.

PAULANI, L.M. A inserção da economia brasileira no cenário mundial: uma reflexão sobre o papel do Estado e sobre a situação atual à luz da história. Disponível em: <<http://marxismo21.org/wp-content/uploads/2012/06/Leda-PAULANI.pdf>> Acesso em 27 set. 2015.

RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.

ROSS, J. L.S. Geografia do Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 5 ed, 2008.

SÁ, M. P. et al. **Terceirização no processamento final das indústrias farmacêutica e veterinária**. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, XXI, 1997, Angra dos Reis. Anais. Angra dos Reis: ANPAD, 1997.

SANTOS, Leandro Bruno. Estado, industrialização e os espaços de acumulação das Multilatinas /Presidente Prudente: [s.n], 2012. 541 f. (a)

SANTOS, M. A natureza do espaço – Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Ed. Hucitec, SP. 1996.

SANTOS, M. Da Totalidade ao Lugar, Edusp, São Paulo, 1996.

SANTOS, M. Espaço e Método. 5º ed. 1reimpr. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2012. (b)

SANTOS, M. Espaço e sociedade. Editora Vozes, Petrópolis, 1979 (2ª edição: 1982).

SANTOS, M. Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. Revista TERRITÓRIO, ano IV, nº 6, jan./jun. 1999. Disponível em: <http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/06_2_santos.pdf> Acesso em: 21 maio 2016.

SANTOS, M. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI (em colaboração com Maria Laura Silveira), Record, Rio de Janeiro, 2001.

SANTOS, M. Pensando o espaço do homem, HUCITEC, São Paulo, 1982, (3ª edição: 1991).

SANTOS, M. Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal. Record, Rio de Janeiro, 2000. (4º edição: 2000)

SCARLATO, F. C O espaço industrial brasileiro. In: ROSS, J. (org) Geografia do Brasil São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 5 ed, 2008. p. 329-380.

SILVA, S.S; Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Oeste do Paraná, 2009, 99p.

SILVEIRA, R.L.L.da. Redes e território: uma breve contribuição geográfica ao debate sobre a relação sociedade e tecnologia. Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales. V. VIII, nº. 451; 15 jun. 2003. Disponível em: < <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-451.htm>> Acesso em: 30 set.2015.

SOUSA, W.M.A; JUNIOR, R.de.T. A idéia de rede nas primeiras investigações geográficas de Milton Santos. Anais: XVI Encontro Nacional de Geografia, 2010. 9p.

SPÓSITO, Eliseu. **Geografia e filosofia:** contribuições ao ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Ed.UNESP, 2004.

_____; OLIVEIRA, C. A., Eixos de desenvolvimento e políticas de concessões rodoviárias: metodologia e análise In: Cidades médias: Espaços em transição. Expressão Popular. 2009, p. 200-223.

VALENÇA, M.C.A. BARBOSA, A.C.Q. **A terceirização e seus impactos: um estudo em grandes organizações de Minas Gerais.** Rev. adm. contemp. vol.6 no.1 Curitiba Jan./Apr. 2002

ANEXOS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL- CAMPUS DE ERECHIM
GEOGRAFIA LICENCIATURA**

Este documento faz parte do rol de atividades a serem desenvolvidas durante a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Geografia-Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul- UFES- Campus de Erechim. Trabalho desenvolvido pela discente Silvana Pires de Matos sob orientação do professor Doutorando Anderson Matos Teixeira.

Questões referentes à empresa Têxtil Marcolin a serem analisadas.

1. Ano de fundação da empresa;
2. Quais atividades que desenvolviam quando foi fundada;
3. A partir de que ano passou a trabalhar diretamente no ramo de malharia retilínea;
4. Qual tipo de produto era feito no início de suas atividades;
5. Qual era a origem da matéria prima no início das atividades;
 - ✚ Tecidos;
 - ✚ Linhas para costura;
 - ✚ Agulhas;
 - ✚ Botões;
 - ✚ Fios de tear;
 - ✚ Demais materiais...
6. Como era realizado o transporte da matéria prima até a empresa;
 - ✚ Ônibus,
 - ✚ Vans;
 - ✚ Veículo próprio;
 - ✚ Transportadora;
 - ✚ Outro meio...
7. O que motivo a implantar em Erechim uma indústria têxtil;
8. O governo municipal oferecia algum fiscal ou outra forma de incentivo para permanência de indústrias na cidade;

9. Qual era o objetivo dos fundadores ao instalar a fábrica? Tinham ideia de que tal empreendimento pudesse crescer?
10. Em termos econômicos e políticos, qual a maior dificuldade encontrada durante e após a fundação da empresa, e atualmente?
11. Durante os primeiros anos de fundação da empresa, como era feita a venda dos produtos fabricados e para quem os mesmos eram vendidos?
12. A partir de qual momento (ano e motivo) percebeu-se a necessidade de terceirizar serviços?
13. Em que ano a Marcolin lança sua marca, Katze, qual motivo levou a essa mudança no nome da marca?
14. Inicialmente a fábrica contava com quantos funcionários? A partir de qual período se percebeu a necessidade de aumentar a infraestrutura (espaços, máquinas para produção e mão-de-obra), qual o ano (década) e que motivos levaram a isso (econômicos, aumento de vendas, políticos, maior reconhecimento da empresa no cenário regional..)
15. De que forma a empresa passou a se projetar no cenário regional com maior intensidade, a localização da empresa teve influência em sua projeção? Quais fatores mais influenciaram e por quê?
16. Quais os benefícios e prejuízos da sua localização, especialmente em Erechim, e no centro da cidade?
17. Houve ou há projetos para deslocar a empresa para outro espaço que possa vir a favorecer economicamente a mesma, como por exemplo, para a área industrial do município de Erechim, ou até mesmo para outro município? Por quais motivos?
18. Qual período foi criado a rede de lojas Marcolin;
19. São as lojas ou os representantes os principais sujeitos que colaboram para a venda dos produtos;
20. Quais são as empresas que atualmente terceirizam serviços da Marcolin;
 - ✚ Calvin Klein;
 - ✚ Ogochi;
 - ✚ Siberian;
 - ✚ Franco Giorgi;
 - ✚ Index;
 - ✚ ...
 - ✚ Quais outras...

21. Atualmente qual a origem (local e empresa fornecedora) da matéria prima utilizada na confecção de peças de tricot;

- ✚ Fios de tear;
- ✚ Fios de costura;
- ✚ Máquinas de tear;
- ✚ Maquinas de costura;
- ✚ Agulhas;
- ✚ Tecido plano;
- ✚ Softwares utilizados na programação;
- ✚ Hardwares utilizados na programação;
- ✚

22. Quais empresas fazem serviços terceirizados para a Marcolin, como o caso de bordados e tingimento de peças.

23. Sabe-se que participação das empresas no APL é de extrema importância para identificar demandas das indústrias e proporcionar melhorias, benefícios e sanar as dificuldades encontradas, assim, a partir da instalação do APL têxtil quais foram as mudanças ocorridas que vieram a beneficiar a empresa?

24. De que forma a empresa se relaciona com a esfera municipal, estadual e nacional, em questões econômicas e políticas;

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – UFFS
CAMPUS DE ERECHIM**

DECLARAÇÃO

Para fins de publicação de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em âmbito da Universidade Federal da Fronteira Sul, eu, André Faversoni Marcolin, portador de CPF número 664.343.600-10RG 1024600122 SSP/RS, declaro que as informações referente a Indústria Têxtil Marcolin, que encontram-se descritas no TCC da discente Silvana Pires de Matos, matrícula 1215712028, CPF 031.123.750-92 e RG 5099469313-SSP/RS, intitulado As redes econômicas: análise do modelo de estruturação produtiva da Empresa Marcolin, são verdadeiras e coerentes com a entrevista realizada no mês de abril de 2016.

ANDRÉ FAVERSANI MARCOLIN
Sócio proprietário da Empresa Marcolin

SILVANA PIRES DE MATOS
Discente

ANDERSON MATOS TEIXEIRA
Orientador do TCC